

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO**

Vinicius de Moura Gaiger

**DA INVISIBILIDADE À BIOGRAFIA: UMA ANÁLISE DA
CONSTRUÇÃO NARRATIVA NO CASO JOÃO VICTOR SOUZA DE
CARVALHO**

Santa Maria, RS, Brasil

2017

VINICIUS DE MOURA GAIGER

**DA INVISIBILIDADE À BIOGRAFIA: UMA ANÁLISE DA
CONSTRUÇÃO NARRATIVA NO CASO JOÃO VICTOR SOUZA DE
CARVALHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social –
habilitação Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Rondon de Castro

Santa Maria, RS, Brasil

2017

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo

A comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

**DA INVISIBILIDADE À BIOGRAFIA: UMA ANÁLISE DA
CONSTRUÇÃO NARRATIVA NO CASO JOÃO VICTOR SOUZA DE
CARVALHO**

elaborado por

Vinicius de Moura Gaiger

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo

COMISSÃO EXAMINADORA:

Rondon de Castro, Dr.

(Presidente/Orientador)

Laura Strelow Storch, Dr^a. (UFSM)

Mirian Quadros, Me^a. (UFSM)

Santa Maria, RS, Brasil

2017

AGRADECIMENTOS

Durante o processo de escrita deste trabalho, me peguei pensando várias vezes no momento de agradecer. Curioso, uma vez que antes, pensava em nem fazer esta parte, nunca achei que um trabalho acadêmico combinasse com sentimentalismos. Mas a vontade veio, não apenas pelo desejo de finalmente escrever livremente, mas por que comecei a perceber o TCC não como um trabalho, mas a conclusão de uma etapa.

E nessa etapa, ou antes, dela, e o que vem pela frente, eu concluí que esse registro é necessário e que preciso falar aqui das pessoas importantes que aliaram a presença na minha vida com a participação nesses últimos momentos de graduação (eu acho que serão os últimos, né). Na pesquisa eu falei da construção de sentidos no discurso, agora quero discursar sobre todo o sentido que vocês, abaixo, trazem na minha vida.

Pra começar, obrigado mãe, pai, Lu, pela compreensão e paciência durante quase 10 anos de UFSM, e por todos os valores de vida que vocês me trouxeram. Nem a melhor faculdade do mundo me faria melhor do que vocês me fazem ser.

Acho que foram esses valores que me aproximaram de tanta gente incrível ao longo da vida.

Bernardo, Vitor, Milhão, pra vocês o meu obrigado pelo companheirismo de uma vida.

Ale, Nicholas, Vini Júnior e André, pra vocês o meu agradecimento por me renovarem a cada dia e me fazerem levar a melhor parte da faculdade pra vida.

Dani Pin e Lou, as melhores amigas-irmãs. Tenho em vocês a certeza de jamais estar desamparado.

Ane, pela representação mais pura de calma e sensibilidade, que só quem tem tanta coisa boa em si pode transmitir, pela força e ajuda fundamental. Bianca Jaíne, por toda a cumplicidade e entendimento em tantas trocas de sentimento. Paola, pelas conversas leves, pela naturalidade de todo incentivo e por emprestar a voz que embalou muitas noites de escrita. Julia, pela risada que transforma um dia.

Escolhi algumas palavras pra representar numa página o momento, mas a verdade e em resumo é que: amo vocês, do fundo do meu coração, e coloco como um dos grandes objetivos de vida fazer a vocês pelo menos um tanto do bem que vocês me fazem.

RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso
Curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo
Departamento de Comunicação Social
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Federal de Santa Maria

DA INVISIBILIDADE À BIOGRAFIA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO NARRATIVA NO CASO JOÃO VICTOR SOUZA DE CARVALHO

AUTOR: VINICIUS DE MOURA GAIGER

ORIENTADOR: RONDON DE CASTRO

Santa Maria, RS, Brasil.

2017

Este trabalho engloba as teorias construtivistas do jornalismo, geradores de significados a partir do texto, aliados a definição dos critérios de noticiabilidade utilizado pelos jornais para selecionar o que, de tantos fatos ocorridos no cotidiano será publicado e terá sua sequência. Neste contexto, demos destaque a alguns fatores que nos critérios que nos foram relevantes para estudar o papel do jornalismo na criação e transformação de um personagem e um enredo a partir de fatos que, neste caso, tratam do caso do menino João Victor Souza de Carvalho, de 13 anos, que morreu em circunstâncias ainda não esclarecidas, mas em um cenário envolto de violência e elementos sociais que destacam a ênfase dada neste evento. O corpus desta pesquisa traz cinco reportagens, que vão do fato da morte do adolescente a cobertura sobre sua vida e a comunidade onde este vivia. Para abordar de forma organizada este desenvolvimento, nos utilizamos da análise pragmática da narrativa, definida por Luiz Gonzaga Motta.

Palavras-chave: Narrativa. Significado. Jornalismo e violência. Folha de S.Paulo

ABSTRACT

Course Conclusion's Work
Social Communication Course - Journalism
Department of Social Communication
Center of Social Sciences and Humanities
Federal University of Santa Maria

FROM THE INVISIBILITY TO A BIOGRAPHY: A NARRATIVE ANALYSIS OF JOÃO VICTOR SOUZA DE CARVALHO

AUTHOR: VINICIUS DE MOURA GAIGER
ADVISOR PROFESSOR: RONDON DE CASTRO
Santa Maria, RS, Brasil.
2017

This work includes the constructive theories of journalism that provides meanings from the way of it is written, associated to the definition of the acceptance criteria, used by the newspapers to decide what's going to be published among so many events around the world. In that context we gave a special attention to some relevant factors to study the journalism function in about the creation and changes of a character and a plot, from the top of the facts, in this case, the teenager João Victor Souza de Carvalho, 13 years old, that died by unknown circumstances, in a scenario of violence and social meanings that comes as a relevant thing in this event. The research *corpus* shows us five subjects, that starts at the main event of his death to the approach about his life and his neighborhood where he used to live. To describe in an organized way this narrative development, we take as methodologic reference the pragmatic analyses of narrative, defined by Luiz Gonzaga Motta.

Key-Words: Narrative. Meanings. Journalism and violence. Folha de S.Paulo

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Corpus consolidado da pesquisa

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. JORNALISMO E A NOTÍCIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE	11
2.1 A notícia e as teorias construcionistas.....	13
2.2 Os critérios de noticiabilidade	18
3. JORNALISMO E VIOLÊNCIA	21
4. METODOLOGIA E ANÁLISE	33
4.1 Análise pragmática da narrativa.....	33
4.2 Corpus	35
4.3 O jornal Folha de S. Paulo	35
4.4 O caso João Victor: a aplicação da análise pragmática narrativa	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
ANEXOS	50

1. INTRODUÇÃO

No cotidiano da vida surgem fatos a todo o momento, sejam eles acontecimentos recorrentes, esperados ou aqueles que chocam e impressionam por sua imprevisibilidade, como tragédias e quebras de recordes. Essas situações podem acontecer em qualquer local, desde o mais remoto até os grandes centros urbanos, o que nem sempre nos permite que os experiencemos *in loco*. É por meio do jornalismo que tomamos conhecimento de muitos desses fatos. Porém, é notório que o espaço para a divulgação das notícias, do que chegará a maior parte da população, é limitado, já que nem o jornalismo nem a nossa experiência direta são capazes de dar conta da profusão de fatos aleatórios que ocorrem no mundo.

O jornalismo constrói suas narrativas a partir de acontecimentos reais. Seu compromisso normativo é, como lembra Franciscato (2005), cumprir a tarefa de construir relatos fiéis do real. A noção de verdade do real de que parte, porém, não é a filosófica, da qual se poderia questionar a existência de uma única e total expressão. Trata-se de uma “ideia de verdade do real que pode ser apreendida em seus aspectos principais” (FRANCISCATO, 2005, p. 166), por meio do emprego das técnicas jornalísticas. Ao jornalismo cabe, portanto, a (re)construção discursiva do mundo, com base nos valores da profissão e nas ocorrências reais (FRANCISCATO, 2005).

Sendo um processo de (re)construção da realidade, partimos neste trabalho do paradigma da notícia como construção social da realidade, que é afetada por condições de produção que são próprias ao jornalismo, como as rotinas de produção, o posicionamento político-ideológico do repórter e da empresa de comunicação onde trabalha o profissional. Tratando-se de um processo de construção, parece-nos interessante observar as escolhas operadas ao construir representações dos personagens nos relatos jornalísticos. Uma pessoa, com uma história comum, como tantas outras, que não se enquadra aos critérios de noticiabilidade jornalísticos, pode, a partir de um acontecimento singular, despertar interesse e tornar-se um personagem jornalístico.

Tendo em vista os aspectos supracitados do jornalismo, esse trabalho busca analisar a narrativa do jornalismo na construção dos personagens e seus

desdobramentos no caso do menino João Victor Souza de Carvalho, de 13 anos, morto em frente à lanchonete Habib's, em fevereiro de 2017, em São Paulo. Tem também como interesse identificar o momento em que o sujeito em questão se torna interessante para ser descrito e ter sua história detalhada enquanto personagem do relato jornalístico. Pretende ainda identificar as transformações da forma de narrar, os termos usados para identificação dos itens e personagens dessa “estória” e a comparação de um personagem “inicial” àquele criado durante a narrativa.

Surge, na elaboração deste trabalho, a reflexão da importância de o jornalismo dar visibilidade às histórias das pessoas comuns e às questões sociais que as afetam e que ultrapassam o interesse único dos critérios de noticiabilidade. Acreditamos que as histórias das pessoas, principalmente aquelas marginalizadas durante grande parte de sua trajetória, não podem ter suas vidas apropriadas pelo jornalismo apenas por se caracterizarem como chamativas a partir de fatos trágicos, quando um dos deveres do jornalismo é apoiar a criação de condições para a melhoria dessas situações, expondo as condições de vida daquela pessoa e não apenas a tragédia que se encerra com a sua morte. O jornalismo necessita ser humano no que diz respeito às mudanças da estrutura social e não apenas usá-la como oportunidade de pautas sensacionais.

Por que a história de um vendedor ambulante não é interessante até que ele seja morto e, a partir de sua morte, torna-se uma narrativa a ser contada? E como este personagem, para além da pessoa, vai ganhando forma? Como o jornalismo transforma um cidadão comum em mais um personagem da narrativa jornalística, com o qual o leitor se identifica ou não ao se deparar diariamente nas páginas do jornal? São essas algumas das questões que norteiam esta pesquisa quando nos propomos a analisar a construção da narrativa jornalística operada no objeto de pesquisa escolhido, que é a cobertura do caso já citado no jornal Folha de São Paulo.

O *corpus* desta pesquisa são as notícias publicadas pelo jornal Folha de S. Paulo, em sua edição online, no período que entre 1º de março até 17 de março de 2017. Estão inclusas neste corpus desde a primeira nota, que divulga a morte do menino, passando pelas notícias que acompanham os desdobramentos que o fato trouxe, até a retomada, por parte do jornal, de ocorrências anteriores ao desfecho do acontecimento final, que retratam a vida daquele jovem, seus hábitos, a história de

sua família e a investigação posterior do caso. A metodologia escolhida para esta investigação foi a Análise Crítica da Narrativa, proposta por Motta (2013).

No primeiro capítulo, analisaremos a construção de sentidos realizada pelo discurso jornalístico, bem como destacaremos as teorias que a contemplam e os critérios de noticiabilidade utilizados pelos veículos de comunicação para definir quais eventos têm a potencialidade de causar o maior número de sensações no leitor, trazendo desde conceito de sensacionalismo ao processo de desenvolvimento do texto.

No seguimento do trabalho, já no segundo capítulo, faremos uma abordagem teórica sobre as relações “jornalismo e violência” e “jornalismo e morte”, com aspectos também de violência e tragédia, ressaltando as escolhas do jornal em questão ao dar visibilidade a certas mortes e utilizar-se de outras, na medida em que estas apresentam elementos que possam atrair o público.

Na parte destinada à exposição metodológica, observaremos a narrativa a partir da visão dada por Luiz Gonzaga Motta, por meio da análise pragmática, em que podemos perceber de que forma o jornalismo constrói seus discursos, cenários e enredos, além de preencher quesitos que irão ajudar em toda a abordagem para uma crítica organizada daquilo que o jornalismo expõe ou omite.

2. JORNALISMO E A NOTÍCIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

O jornalismo e seus produtos necessitam, em sua essência profissional e econômica, captar a atenção do leitor, ouvinte ou telespectador, de forma a fazê-lo se envolver com o texto e as histórias nele apresentadas. É este envolvimento que vai garantir o interesse e é capaz de captar e segurar a atenção do público. Por isso, o jornalismo e o profissional utilizam-se de técnicas discursivas para desenvolver, no leitor/espectador, sensações que extrapolam a simples leitura de uma notícia, ou seja, que provocam um pensamento que vai além do momento em que o leitor está com o jornal ou que o telespectador está em frente à televisão.

Amaral (2006) discorre sobre a estratégia do sensacional como necessidade do jornalista para ativar a atração do consumidor final: “É possível afirmar que todo o jornal é sensacionalista, pois busca prender o leitor para ser lido e, conseqüentemente, alcançar uma boa tiragem” (AMARAL, 2006, p. 20). Fica claro, portanto, a necessidade do jornal em absorver em seu produto características que vão além da narração factual.

Ainda em Amaral (2006), o conceito de sensacionalismo é destacado como uma forma extrema de vender o produto - neste caso, a notícia – através, principalmente, das manchetes, para que se explique que, apesar de relacionado a um vocabulário informal ou a imagens impactantes, o sensacionalismo pode ser sutil:

O sensacionalismo ficou muito relacionado ao jornalismo que privilegiava a superexposição da violência por intermédio da cobertura policial e da publicação de fotos chocantes, de distorções, de mentiras, e da utilização de uma linguagem composta por palavras chulas, gírias e palavrões. Caracterizar um jornal como sensacionalista é afirmar, de maneira imprecisa, apenas que ele se dedica a provocar sensações. (AMARAL, 2006, p.22)

Então, ao afirmar que todo jornal pode ser chamado sensacionalista e ao analisar o sensacionalismo para além de um estereótipo, temos notória a relação entre a narrativa jornalística e o hábito e a necessidade da construção de sentidos. Estas construções de sentidos acontecem durante todo o processo noticioso, desde a escolha do que será publicado, a partir dos valores-notícia, seguindo critérios de noticiabilidade (conceitos que veremos adiante), passando pela construção do fato a

partir da visão do repórter e da empresa, e terminando com a redação, publicação e circulação do texto que será apresentado ao leitor/espectador.

Nesse contexto, é importante perceber, então, que apesar da posição privilegiada do profissional da comunicação, em que ele é quem possui a ferramenta escrita, sonora ou imagética desta atividade profissional, é necessário que haja uma troca ou um diálogo, nem que seja imaginário, com o receptor. Ou seja, a criação de sentidos parte do interesse de um profissional, mas busca a comoção do consumidor final, uma vez que, segundo Amaral (2006, p.23), “os interesses econômicos são centrais na definição dos modos de ser dessa imprensa, mas dizem respeito somente a uma das faces do fenômeno. Além de serem mercadorias, os jornais também produzem sentidos, significações”. Ainda, para complementar esta troca entre profissional e consumidor, segundo Benetti (ano, p. 17), “o jornalismo como discurso, portanto, só existe entre sujeitos”.

Sendo o jornalista ou empresa de comunicação responsável pelas construções e narrativas de um fato, mas não responsáveis pelo fato em si, existem casos em que os desdobramentos de um acontecimento trarão à tona a necessidade de mudanças daquelas formas textuais ou da abordagem do que está sendo escrito. Assim, um fato que poderia em uma redação ser cotidiano, rotineiro, passa a ter importância de valor-notícia para seguimento da apuração. Então, o jornalista apropria-se, ou não, de uma história, após um primeiro momento noticioso factual, para acompanhar os elementos que pode retirar para, a partir da narrativa, construir sentidos antes não revelados naquela situação inicial.

Segundo Blumer (1992), citado por Alsina (2009, p. 20), “os significados se manipulam e se modificam através de um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa quando ela se enfrenta às coisas que vai encontrando pela frente. Ou seja, esses significados vão se construindo”. Nessa análise, segundo Traquina (2012, p. 21), “os jornalistas veem os acontecimentos como “estórias” e as notícias são construídas como “estórias”, como narrativas, que não estão isoladas de “estórias” e narrativas passadas”. Ou seja, é hábito do jornalista resgatar fatos já acontecidos para moldar uma nova narrativa, ainda que sobre o mesmo tema, que irá depender do potencial atrativo daquele assunto.

O uso de técnicas e recursos linguísticos na construção da reportagem, que pretendem a sensibilização do consumidor, partem, também, da análise do que é notícia e, mais especificamente, das teorias do jornalismo que demonstram a notícia

como construção de fatos da realidade e como gênero narrativo. Nesta construção estão imbricadas as ideologias, visões de mundo, constrangimentos organizacionais e várias outras condições de produção que se colocam tanto ao jornalista quanto ao veículo. Ainda que seja afetado por todas essas condições, o fato em si mantém-se como referente, embora possa ser narrado de diversas maneiras. É sobre essa construção social da realidade operada pelo jornalismo nas notícias, a partir das teorias construcionistas, que tratamos na próxima seção.

2.1 A notícia e as teorias construcionistas

Estamos falando da narrativa dada a um fato pelo jornalista e, anteriormente no processo, da seleção dada por aquele para este. Estas ações são estudadas pelas teorias do jornalismo, que se demonstram necessárias e relevantes, uma vez que a tarefa de presenciar, analisar e narrar um acontecimento é algo que pode ser mais subjetivo e profundo do que parece. Como diz Tuchman (1978), em Traquina (2012, p.148), que afirma que “embora o propósito de fornecer relatos dos acontecimentos julgados significativos e interessantes pareça ser claro, esse objetivo é, como outros fenômenos simples, inextricavelmente complexo”.

Estes estudos, que passaram desde a teoria do espelho, em que se afirmava que a notícia era retrato perfeito da realidade, chegaram ao que, aqui neste trabalho, tomaremos como relevante de ser analisado: a teoria construcionista. Nela, entende-se que os *media*, ao construir suas narrativas, contribuem para a construção social da realidade, mas que não são os únicos responsáveis por moldá-la. Este estudo, que nasce na década de 1970, aparece, segundo Traquina (2012), para contrapor a ideia de que os fatos não sofrem distorções a partir de seus relatos pelos jornalistas.

A reflexão sobre essa contraposição entre as teorias dá-se no sentido de que, ainda segundo Traquina (2012, p. 170), “é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os *media* noticiosos”, uma vez que estes, como dito acima, devem perceber o acontecimento, analisá-lo, interpretá-lo e, só então, narrar o fato para o leitor. Desta forma, propõe a teoria construcionista, haverá distorções e diferenciações nos relatos, a partir das características de cada profissional e de cada empresa. É importante pontuar, porém, a passagem em que Traquina, (2012, p.170) ao recorrer a Schudson (1982), afirma que, nesta teoria e neste contexto, “o

paradigma das notícias como construção não implica que as notícias sejam ficcionais, mas sim convencionais.”. Assim, não se coloca em xeque as intenções do jornalista de narrar um fato de forma fidedigna, mas de que ele e a empresa para quem trabalha possuem características próprias, maneiras singulares de perceber o mundo e construir a notícia. Dentro desta ideia, Robert Karl Manoff (1986 *apud* TRAQUINA, 2012) analisa o cenário de construção da narrativa realizada pelo jornalista:

A escolha da narrativa feita pelo jornalista não é inteiramente livre. Essa escolha é orientada pela aparência que a “realidade” assume para o jornalista, pelas convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas. Manoff *apud* Traquina (2012, p.176).

Portanto, nota-se que esse paradigma abarca uma percepção de que o jornalista não está separado de sua essência como ser político, em que tem sua própria análise e interpretação dos fatos e sua forma de narrar os acontecimentos, conforme estes irão acontecendo. A partir das percepções fornecidas por este paradigma, iremos abordar de que maneira as construções e desdobramentos dos fatos transformam a narrativa em determinado veículo.

Antes, porém, é preciso retomar critérios adotados pelos veículos de comunicação e pelos jornalistas acerca do que será notícia. O que, em um universo de tantos fatos relatados diariamente - e que, em um jornal de circulação nacional, englobam os acontecimentos do mundo todo -, será publicado e narrado e o porquê disso. Estas escolhas e a forma como elas são realizadas chamam-se de critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2008, p. 63).

São, como já dito, muitos acontecimentos ocorridos ao redor do mundo inteiro, que podem ter, ou não, o interesse do jornalismo e também do leitor para que cheguem até o conhecimento público. Ao escolherem esses fatos, entre tantos outros disponíveis no mundo real, que serão levadas ao conhecimento do consumidor final, o jornalista tem mais um desafio: a forma com que irá construir a notícia de modo que o leitor, além de tomar conhecimento do fato, possa também senti-lo. Isto é, a partir da notícia o leitor toma conhecimento do fato que não foi capaz de experienciar diretamente, mas é a narrativa que torna a leitura uma experiência para o leitor, que o envolve e o torna parte.

O discurso jornalístico, construído pelo profissional a partir de uma série de condições de produção, que limitam o universo dos sentidos postos em circulação por esse discurso (BENETTI, 2008), ajuda a construir a realidade e a experiência simbólica compartilhada pelos indivíduos em uma sociedade (FRANCISCATO, 2005). Por partirmos desses pressupostos, nos filiamos à ideia de Semprini (1997), retomada por Alsina (2009):

A realidade é uma construção. A realidade não existe independentemente dos agentes e das teorias que a conformam e da linguagem que permite sua conceituação e sua comunicação. Toda objetividade é uma objetividade a partir de uma certa versão, mais ou menos eficaz, da realidade (ALSINA, 2009, P.37).

Se a realidade é uma construção, que pode ser operada também pelo jornalista, por meio do uso da linguagem e da produção de sentidos discursivos, é inquestionável a influência da apresentação feita pelo repórter dos fatos na percepção de uma dada realidade. Será ele, portanto, em conjunto com a política editorial da empresa e dos diversos outros constrangimentos organizacionais, que enquadrará o fato. Isto é, definirá o universo de sentidos possíveis (ou ao menos tentará que assim o seja) a serem apresentados ao leitor sobre determinado fato.

Ainda em Alsina (2009), o conceito de construção social é apresentado a partir de Berger e Luckmann (1979), em que se afirma que esse processo é socialmente determinado e intersubjetivamente construído. Ou seja, existem razões sociais, independentes do profissional, que serão colocados à mesa para que se inicie o processo. O jornalista está inserido em uma estrutura social. Porém, a partir desta estrutura social, ele irá narrar e construir um discurso subjetivo, que trará elementos de sua ideologia, das análises do seu editor e das percepções (um item extremamente subjetivo) do que ele considera que será sensível ao leitor.

Alsina (2009) argumenta ainda que a comunicação é uma atividade socialmente legitimada, que pretende gerar construções da realidade que sejam relevantes ao público. Ou seja, há um papel justificado para essa ação de narrar os fatos a partir da visão do jornalista e um contrato de confiança entre o jornalista e seu público, chamado por ele de contrato pragmático fiduciário, que precisa a todo o tempo ser reafirmado e que se baseia na confiança de que aquilo que o jornalismo apresenta é verdadeiro e confiável. Franciscato (2005) elenca três situações

inseridas na profissão de jornalista que são praticamente atemporais e que estão arraigados no que se propõe ao fazer do jornalista:

Adotar como pressuposto a existência de uma ideia de verdade do real que pode ser apreendida nos seus aspectos principais por meio de técnicas jornalísticas e transformada em relato noticioso; ter um compromisso normativo de cumprir esta tarefa de fidelidade ao real ao empreender sua atividade jornalística; produzir conteúdos que ofereçam a uma coletividade modos específicos de vivenciar situações num tempo presente. (FRANCISCATO, 2005, P.166).

Para o presente trabalho, é importante ressaltar o que diz Alsina (2009) sobre o processo de construção da realidade no jornalismo: “a comunicação de massas e a notícia em concreto são uma realidade complexa, diversa e em constante mudança”. Este ponto é essencial no momento em que analisaremos a construção de uma narrativa em um período de tempo. Ou seja, do momento em que é publicada a primeira nota, com elementos escassos para uma apuração mais detalhada, até a sequência dos fatos, que vem a tornar aquela notícia interessante de ter prosseguimentos, a partir das transformações da pauta no decorrer da investigação dos acontecimentos.

Dessa forma, vemos a realidade ou a forma dela ser apresentada em transformação, a partir de novos elementos que surgem e agregam valor-notícia e que podem abranger um ou mais critérios de noticiabilidade. São eles que determinam a relevância e permanência da apresentação do fato. Para Alsina (2009), os jornalistas têm a incumbência de dar sentido ao acontecimento, que é, por sua vez, segundo Morin (1969 *apud* ALSINA, p. 43), “um elemento novo que chega de repente no sistema social”. Isto é, a primeira apuração é uma novidade em uma redação, o fato será apurado e, a partir dali, será decidida se haverá uma sequência da apuração. Se a resposta for positiva, terá início a construção da realidade e a significação daquela narrativa, pois, como já vimos, este conteúdo deve ser relevante ao público e causar sensações, uma vez que, ainda segundo Alsina (2009, p. 49), “o discurso da mídia não é somente informativo, não pretende só transmitir o saber, mas também pretende fazer sentir”.

Para Rodrigues (1993, p. 27), “é acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais”. Obviamente que, em um universo tão vasto de acontecimentos, haverá uma hierarquização para classificar a noção de importância disso para o jornalismo.

Dentro desse contexto, existem fatos que marcam ou transformam vidas, seja numa abrangência individual, seja coletiva. Estes acontecimento que, pode-se dizer, estão no topo desta hierarquia, irão normalmente preencher as atividades do jornalismo e serão chamados *notáveis*. São deles que o jornalismo se ocupa normalmente (RODRIGUES, 1993). Esta característica possui relação e importância com o jornalismo e com a imprevisibilidade daquele fato acontecer. Determina-se, então, que o fato ou fatos notáveis são os que “rompem com a seriação da conduta ou do correr das coisas” (QUERÉ, 2005, p. 61) e que de alguma maneira rompem com padrões ou rotinas das relações diárias a que se está acostumado. Por tratarem-se de fatos novos, repentinos, tenta-se relacionar o cenário a outras situações em que ele ocorre para torná-lo, novamente, previsível e, de alguma forma, reconhecer aquele imprevisível como algo conhecido:

Fazemos tudo o quanto está ao nosso alcance para reduzir as discontinuidades e para socializar as surpresas provocadas pelos acontecimentos: reconstruímos, através do pensamento, as condições que permitiram ao acontecimento produzir-se com as particularidade que apresenta: restauramos a continuidade no momento em que a ruptura se manifestou, ligando a ocorrência do acontecimento a um passado de que ele é o ponto de chegada ou incluindo-o num contexto no qual ele se integra coerentemente e surge como, afinal, previsível” (QUERÉ, 2005, p. 61).

A morte é um importante valor-notícia. Porém, não qualquer morte. A morte por violência na periferia não tem o mesmo valor notícia da que ocorre em uma área nobre. No entanto, quando outros valores-notícia se somam a esse, quando a morte não natural ocorre em um local público, é gravada, questionada, escrutinada por parte da sociedade, torna-se preocupação jornalística. E é neste ponto que está interessado este estudo: no momento de transformação, de soma, e na maneira com que a narrativa vai reconstruindo os fatos e permitindo à vítima o direito a outra história, para além do episódio pelo qual ficou conhecida. Essa percepção se relaciona diretamente com o caso que iremos analisar nesta pesquisa, quando um adolescente, morador da periferia, morre em frente a uma lanchonete de uma rede nacionalmente conhecida, após indícios de ter sofrido agressão. É sobre os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia que trata a próxima seção teórica deste trabalho.

2.2 Os critérios de noticiabilidade

Para chegar à deliberação das pautas a serem publicadas, as empresas, em sua maioria, utilizam-se dos chamados critérios de noticiabilidade ou pela definição de valor-notícia para, desta forma, justificarem suas escolhas por dar visibilidade a certas situações ou pessoas e não a outras. Apesar de alguma diferença nos regulamentos internos ou políticas editoriais, esses critérios costumam ser mais ou menos homogêneos nos grandes grupos de comunicação.

A noção de valor notícia não é definida concretamente, mas passa pela percepção do jornalista ou da equipe em projetar um nível de elementos que atraiam de forma contundente o leitor. A partir dos tantos acontecimentos recém-chegados à redação, a tarefa do jornalista é selecionar aqueles que possam agregar a maior quantidade de valores-notícia, a partir dos critérios de noticiabilidade. Para pontuarmos estes critérios, recorreremos a Alsina (2009, p.154;155), que lista a classificação de Bockelmann (1983) quanto aos critérios adotados. Traremos enumerados aqui, de forma resumida, cada um deles, destacando aqueles que serão de maior relevância para análise narrativa a ser realizada no decorrer do trabalho:

- 1) **Referência ao pessoal**, de forma que atinja o sentido de presença do leitor. Sentir-se parte, atingido, positiva ou negativamente, aproxima o leitor da notícia, da narrativa e, conseqüentemente, gera atenção deste;
- 2) **O sucesso pessoal**, que atinge os anseios e valores presentes na vida daquele leitor;
- 3) **A novidade**, para que o leitor tenha a sensação de atualização permanente ao mundo;
- 4) **O exercício de poder**, de diferentes naturezas, assim como suas representações;

- 5) **O normal e o anormal**, quando o fato ultrapassa um valor padrão da sociedade, podendo ser um comportamento individual e os julgamentos sobre isso;
- 6) **A violência**, este um ponto central neste trabalho, de forma que a percepção de medo, de ameaça constante, gera sentidos, e será narrada nas matérias a serem abordadas;
- 7) **Os enfrentamentos pessoais**, que geram polêmicas, paixões, como as polaridades partidárias ou esportivas, e que têm grande potencial de geração de pautas;
- 8) **Receitas e bens pessoais**, que são trazidas muitas vezes em listas das pessoas mais bem sucedidas e outras tantas classificações;
- 9) **As crises**, uma vez que muitas vezes o leitor utiliza-se das mídias para tomar conhecimento de casos, principalmente daqueles que estão a certa distância;
- 10) **O extraordinário**, que traz ao leitor também a sensação de curiosidade, de conhecimento de uma cultura a qual ele pode nunca ter contato.

Portanto, estes critérios, enumerados pelo autor, são parte fundamental da seleção do que será notícia e, além, do que terá atenção jornalística continuada, como iremos ver mais adiante, na análise do caso, em que um primeiro acontecimento não se encaixa nesses critérios iniciais, mas que adquire valor-notícia conforme os fatos vão se desenrolando. Esta base teórica será importante para analisar as particularidades do caso e sua conseqüente construção narrativa. Ajudará também a compreender o porquê de um fato que tem, aparentemente, um padrão já estabelecido, toma rumos diferentes ao longo da cobertura. No caso, a morte de um jovem da periferia parte de uma nota, que apenas resume o factual, assim como tantas outras mortes nas periferias que são reduzidas a notas breves ou a estatísticas, e vai ganhando contornos pessoais e biográficos conforme se coloca

em questão as versões iniciais relatadas sobre o caso e se desencadeia, a partir daí, um processo de investigação mais profundo.

3. JORNALISMO E VIOLÊNCIA

Como já tratamos no capítulo anterior, as técnicas e estratégias narrativas empregadas pelo jornalismo na representação das histórias e de seus personagens são utilizadas para atingir o público e atrair o consumo de jornais por parte da população. Neste contexto, é inegável que uma das questões atuais, principalmente no Brasil, que causam maior nível de sentimentos, é a violência. Da comoção ao medo, essa realidade faz parte do cotidiano de toda a sociedade. Por mexer com tanta sensibilidade é que esse assunto torna-se extremamente relevante de ser abordado neste trabalho, já que busca considerar desde a forma ou as formas como a sociedade enxerga a situação, ao ponto que leva o jornalismo a narrar de certa maneira estes eventos. Para começar a análise da intersecção do jornalismo com a violência, chamamos DaMatta (1993) para iniciar a crítica sobre o viés com que é tratada a violência na sociedade:

O estudo da violência, do crime e até mesmo da ordem política é sempre realizado por meio de lentes normativas. Quando falamos destes temas, sempre produzimos um discurso organicista e formalizantes que frequentemente só admite o contra ou a favor (ou o legal ou o ilegal) (DaMatta, 1993, p.176)

Esta afirmação tem relação com um dos critérios de noticiabilidade que vimos no capítulo anterior, dos confrontos pessoais, da criação de rivalidades e polarizações. Lembremos, claro, que a violência e a morte, centrais no objeto de pesquisa analisado, também são parte desses critérios. Aqui é importante destacar que existe uma contraposição binária, segundo a afirmação acima, que provoca os sentidos de extremidade, como se violência fosse, em suma, a luta do certo contra o errado.

É possível afirmar que essa forma de ver a violência pode ser atrativa para o jornalismo, mais ainda para a construção narrativa, como fator de adição de valor-notícia e de captação do interesse do leitor. Para seguir com a observação sobre o tema violência no jornalismo, é importante seguirmos com DaMatta (1993), para a conceitualização de dois tipos de visões sobre violência na sociedade: a leitura erudita e o discurso do senso comum.

A primeira, a leitura erudita, segundo DaMatta (1993, p. 178), dá a violência um sentido de denúncia, em que pode-se procurar culpados pela situação ou ainda alguma solução prática bem definida para as falhas que contribuem para a realidade violenta de um local. Colocam-se assim, mais uma vez frente a frente, duas posições contraditórias, aqui explicadas pela definição de espectro político. Para DaMatta (1993, p. 178), “se seus produtores são de direita, o discurso encara a violência como um caso virtual de ausência de repressão e de polícia”. Em oposição, segue DaMatta, “se são de esquerda, o discurso não é mais um caso de polícia, mas de ‘poder’”. Dentro destes dois discursos, segundo a leitura erudita da violência, DaMatta utiliza-se de uma conclusão extraída de Sahlins (1979), para resumir que, para esta visão, “a violência não é uma expressão da sociedade, mas uma resposta funcional (e racional) da sociedade a alguma coisa” (Damatta, 1993, p.178).

Por acreditarem que existam culpados e soluções exatas para os problemas da violência, os reprodutores desta leitura erudita irão, mesmo contrapondo-se no citado espectro político, atacar aqueles que detêm o poder – seja o de colocar a polícia na rua, seja aquele que detém o controle econômico (causador da violência para o discurso erudito da esquerda). Desta forma, Damatta(1993, p.179) caracteriza o discurso erudito como tendo “um acentuado viés normativo, jurisdicista, formalista e/ou disciplinador”. Ou seja, o discurso erudito é protocolar, no sentido que busca a culpa ou as soluções para a violência em instâncias institucionalizadas, formal ou informalmente e procura, de alguma forma, conceituar essas proposições a partir do discurso centrado no poder posto de forma hierarquizada.

Abordamos, então, o segundo parâmetro de percepção da violência definido por DaMatta (1993): o do discurso do senso comum, que parte, segundo o autor, da vivência cotidiana da sociedade. A violência, neste discurso, é basicamente a visão prática daquilo que se considera o termo, quase que como a consequência final de uma estrutura.

Quando falamos de violência neste nível, a imagem que mais aparece é a do descontrole, que se expressa na briga, na agressão e no conflito, situações nas quais o informante visualiza dois ou mais seres humanos engajados em confronto físico. (DaMatta, 1993, p. 180).

Nota-se, então, neste discurso, a experiência quase empírica para conceber a violência, deixando de lado, por essa visão, as análises das construções estruturais da realidade, que permeiam uma experiência social que gera tais conflitos. Assim, a realidade percebida neste discurso tem o sentido da comoção em torno de uma situação em que há o confronto entre o que se considera um ser em superioridade física ou seres em quantidade maior em um atrito generalizado, contra o indefeso, o fraco. Para esta concepção a violência é natural e tem relação com o instinto humano (DaMatta, 1993), não sendo determinante a responsabilidade do estado ou do poder, como na visão erudita. Neste contexto, a violência é moral e individualizada.

Sabe-se, então, que o jornalismo constrói suas narrativas baseado, primeiramente, em critérios de noticiabilidade, dois deles a violência e a morte, para interpretar a realidade transformada em uma estória que será publicada em forma de notícia, e a partir das visões explicitadas por DaMatta (1993), observamos as teorias que explicam as noções que a sociedade tem e os discursos usados para apoiar estas noções, para seguir entendendo como a violência é tratada, principalmente nos jornais diários, grupo do qual faz parte o objeto da análise apresentada neste trabalho. Neste sentido, Dias e Guimarães (2014), a partir de Jewkes (2004), afirmam:

Todos os dias, as manchetes dos principais jornais clamam pela nossa atenção com histórias sobre criminalidade, que parecem designadas a chocar, assustar, mas também para tranquilizar o nosso medo e ansiedade, pois não fomos nós as vítimas da violência. (DIAS, A.D.; GUIMARAES, I.P, 2014, p.283).

A afirmação das autoras demonstra uma relação consolidada entre o tema violência, a atração dos jornais por este e alguns sentidos possíveis a partir das notícias que abordam os temas impactantes do cotidiano e, além, aqueles que, seguindo outro critério de noticiabilidade, fogem do comum, tornando-se extraordinários. Podemos perceber na fala de Dias e Guimarães (2014) uma gama de sentidos exemplificados, que vão do medo ao alívio e, desta forma, evidenciam, novamente, uma gama de sentidos possíveis em uma mesma notícia. Além desta responsabilidade narrativa do jornalismo, e por consequência na construção e circulação de sentidos sociais, as autoras recorrerem a Jewkes (2004) e Reiner

(2002), que acreditam que “a sociedade tem se tornado mais violenta, na medida em que se põe em contato com imagens e representações de crime e desvio que emergem diariamente nos discursos midiáticos” (DIAS E GUIMARÃES, 2014, p. 283). Assim, além de apresentar as alternativas de sentido ao leitor, a narrativa jornalística (e, antes, dentro do processo, das escolhas daquilo que será notícia) causa a impressão de aumento de uma situação de um determinado tipo de crime, em determinadas regiões, quando, muitas vezes, se confrontado com dados sistemáticos, essa impressão não se confirma, já que a maioria dos crimes e violências ocorrem em espaços que pouco ou nada recebem atenção dos jornais, como as periferias dos grandes centros urbanos, e por isso podem distorcer a percepção dos leitores.

Porém, dentro do escopo do processo de produção da notícia, nota-se que, mesmo com condições de noticiar cada vez mais casos de violência, e que isso gera sensações parecidas, como as já citadas, Dias e Guimarães (2014, p.284) expõem que “o tratamento e a importância dados às notícias sobre ações criminosas irão depender do que cada veículo de comunicação entende por ‘crime’ e a gravidade atribuída a cada ação”. Nota-se aqui, mais uma vez, a ação do jornalista, da equipe e da empresa de comunicação na transposição da realidade escolhida e da construção dos sentidos discursivos a partir de uma série de escolhas e dos condicionamentos das rotinas de produção, uma vez que a forma de narrar pode trazer sentidos diferentes de um mesmo fato, a partir daquilo que as características pessoais do profissional ou a política editorial da empresa estabelecem como importante ou atrativo nos desdobramentos do processo.

Estas noções são importantes para perceber o porquê das transformações do discurso e da abordagem durante a cobertura de um mesmo evento. Quer dizer, as possíveis mudanças de opinião dentro de uma redação sobre o que não mereceria atenção, por não ser considerado grave e, logo, não ter valor-notícia suficiente para seguimento como pauta, até tornar-se merecedora, segundo o veículo, de ser publicada e adquirir elementos que justifiquem, dentro dos critérios adotados, o prosseguimento da cobertura. É importante perceber aqui que o jornalista e os veículos vão percebendo outros sentidos possíveis durante as averiguações e apurações realizadas e, desta forma, determinarão a gravidade ou não, daquele fato. Dentro do contexto deste estudo, que abordará um crime cometido contra um

jovem de 13 anos, morador da periferia, recorremos a Dias e Guimarães (2014), quando retomam um extenso estudo publicado por Ramos e Paiva (2007, p. 13) (que mais tarde resultaria na obra que é referência para os estudos da área “Mídia e Violência: Novas Tendências na cobertura criminalidade e segurança no Brasil”), que revela que:

Cerca de cinquenta mil pessoas são assassinadas por ano e as mortes atingem majoritariamente grupos desfavorecidos: jovens do sexo masculino (especialmente na faixa de 15 a 24 anos), na maioria, pobres, quase sempre negros, e moradores de periferia ou favelas dos grandes centros urbanos. '(DIAS, A.D.; GUIMARAES, I.P, 2014, p. 284)

Com estes dados, temos uma base para perceber que os assassinatos ou relatos violentos acontecidos com o grupo social descrito podem não gerar, para os padrões dos veículos de comunicação, valores-notícia suficientes para que mereçam atenção. Apesar da violência e da morte serem critérios de noticiabilidade, não há aqui o fato extraordinário ou alguma disputa. Enfim, a morte ou a violência são os únicos critérios de noticiabilidade reconhecidos pela empresa neste caso e, desta forma, além de não serem amplamente divulgados, por causa da sua “normalidade” em relação ao local de origem, faixa etária, gênero, raça e classe social, sua relevância está mercê da avaliação do veículo que decide se irá publicar ou não o acontecimento violento, se é ou não de interesse do seu leitor.

Será interessante, portanto, analisar o desenvolvimento que agregará valor-notícia a um caso específico que, inicialmente, se enquadraria nos padrões do estudo divulgado por Ramos e Paiva (2007). Assim como, em uma constatação de Silva (2007), resumida por Dias e Guimarães (2014, p. 284), acontece o oposto quando se trata do que está externo ao grupo majoritariamente atingido: “a cobertura jornalística brasileira também tende a estender o pânico de vitimização por violência às elites, o que pode culminar no recrudescimento das políticas coercitivas de combate à violência e na militarização das ruas”. Lembramos aqui o início do capítulo, quando tratamos dos dois discursos definidos por DaMatta (1993), e percebemos a consequência trazida, especificamente, pela leitura erudita, em que culpa-se concretamente uma instituição pela situação de violência. Outra informação relacionada e trazida por Dias e Guimarães (2014) é a de que “os jornais tendem a cobrir mais frequentemente os crimes que ocorrem nas áreas em que residem seu

público-leitor”. A noção do íntimo como critério de noticiabilidade aplica-se aqui, além de reforçar a ideia da maior quantidade de conteúdo noticioso do que acontece em áreas não periféricas, uma vez que o público-alvo não está nela, como veremos a seguir.

Ao percebermos que existe uma limitação dos grupos sociais contemplados/autorizados a participar das coberturas jornalísticas e outros que, ao contrário, são invisibilizados, diante de um universo social e no que diz respeito às características citadas, é possível perceber que o que chega ao leitor é, antes da notícia sobre o fato em si, uma homogeneização dentro dos temas apresentados pelo jornalismo e das fontes primárias, que são, na maioria das vezes, as oficiais.

A morte de mais um jovem da periferia é um dos temas comumente negligenciados, desconsiderado como de interesse do público-alvo, para quem, como vimos, será escrito o jornal. A realidade cotidiana daquela comunidade em que houve o fato violento está distante da vivência dos leitores do jornal, principalmente dos de um veículo de referência como a Folha de S. Paulo, que é historicamente destinado às camadas mais altas da sociedade (AMARAL, 2006). Quando representadas essas comunidades, o que se percebe são representações estereotipadas, focadas na vulnerabilidade dos sujeitos que ali vivem e na naturalização da violência, como explicam Dias e Guimarães (2014) a respeito do discurso erudito sobre a violência, que propõe DaMatta (1993), e que está distanciado da realidade vivida pelos sujeitos implicados nas realidades representadas:

Ao construir enunciados em que os agentes das forças coercitivas aparecem, majoritariamente, como fontes, o jornalismo pode contribuir para a construção de papéis estereotipados, ideias de delinquência, se constituindo como um especialista em *normalidade*, [...] que julgam os desvios sociais, exaltam a aplicação de leis e o respeito estrito às normas e ditam padrões de comportamento. (DIAS e GUIMARÃES, 2014, p. 286).

Percebemos, assim como dentro deste temada violência, relacionam-se de forma direta conceitos que usamos, como os critérios de noticiabilidade, a notícia como construção, a narrativa e os sentidos das notícias e o uso e as consequências dos dois discursos definidos por DaMatta (1993) sobre a violência, neste caso, mais frequente, o da leitura erudita. O jornalismo, porém, não toma apenas a leitura

erudita da realidade, uma vez que, segundo Dias e Guimarães (2014, p. 287), “o jornalismo se vale do discurso do senso comum para aproximar a criminalidade da realidade cotidiana de indivíduos [...] que não têm presença significativa nas estatísticas criminais”, visto que as potenciais sensações provocadas pelos textos apresentados ao leitor e, mais especificamente, ao público-alvo imaginado pelo jornal, apontam para a questão da ameaça, induzindo-o a obter respostas sobre quem seria o culpado por aquela situação e as soluções para amenizar aquela situação-problema.

Neste sentido, é válido tratar da questão de quem é fonte primária na cobertura dos casos sobre crime e violência. São essas fontes, segundo Hall *et al* (1993), que darão o enquadramento subsequente a toda a cobertura do fato e, por isso, é tão importante que sejam observadas. Segundo estudo apontado em Ramos e Paiva (2007), uma pesquisa sob a coordenação das autoras, realizada em 2004, analisou nove jornais brasileiros e constatou ser a polícia a principal fonte ouvida em 32,5% da apuração dessas notícias. Desta forma, será interessante perceber no estudo como se dará essa relação entre o número total de fontes e as citadas autoridades.

Como percebemos, o jornalismo, a partir de suas escolhas, desde a seleção de notícias até a sua publicação, em forma de narrativa construída pelos muitos elementos que já observamos, tem o papel potencial de influenciar a formação de opiniões sobre realidades que não experienciamos diretamente por meio dos sentidos postos em circulação no discurso, já que é por meio do relato jornalístico que temos, muitas vezes, a única e singular experiência simbólica com determinada realidade - e disso também vai depender a forma com que nos posicionamos diante dos fatos. Segundo Dias e Guimarães (2014) este poder exercido pelo jornalismo pode ser equiparado ao que definiu Bourdieu (1998) como poder simbólico que, segundo as autoras, caracteriza-se por ser um “poder de construção da realidade”, que “impõe e legitima a cultura dominante e que se manifesta de diversas maneiras” (DIAS E GUIMARÃES, 2014, p.289). Podemos, então, relacionar esta legitimação da cultura dominante ao discurso jornalístico, que cria e transforma as narrativas da realidade e gera reações sociais a partir disso.

Quando se fala da violência e para o que será a sua mais chocante consequência, a morte, percebemos ainda mais importante o papel da construção das narrativas dos jornais, uma vez que, além de ser um destacado critério de noticiabilidade, a morte resultante da violência engloba diversos sentimentos e sentidos possíveis de serem interpretadas pelo leitor. Para demonstrar esta relação, recorreremos a Vaz (2012), que explicita a intenção do jornalismo neste sentido.

Ao lançar nosso foco para as páginas de diários impressos, notamos que a morte ali está para ser divulgada, vista, lida e reconhecida pela consciência de todos os leitores. Leitor que “compõe” o acontecimento ao se dar conta das narrativas verbo-visuais, talvez respirando aliviadamente ao tomar consciência que se trata morte de outrem. (VAZ, 2012, p. 22)

Nota-se, então, o uso do discurso narrativo sobre o assunto violência e sua exacerbação limite, a morte, que ativará os sentidos do leitor, como constatamos seguindo no pensamento de Vaz, que notabiliza a noção de causar sentimentos leitor, quando afirma que “os fúnebres acontecimentos jornalísticos que ‘mais do que a própria morte’, parecem ser produzidos e publicados para atemorizar” (VAZ, 2012,p.24). Une-se, portanto, o relato do fato, com todas questões tratadas no capítulo anterior, e a potencialidade do assunto em causar emoções no leitor, indo o jornalismo, desta forma, além do acontecimento.

Alguns desses sentimentos podem ser personificados ou estereotipados pelo discurso do jornalismo, no sentido de causar identificação ou maior devoção do leitor com a notícia publicada, ao reconhecer no texto características daqueles dois discursos definidos por DaMatta (1993), o erudito e do senso comum, em que reconhecem-se culpados e soluções, no primeiro, ou percebem-se as representações do cotidiano, no que diz respeito ao segundo. Ou seja, além do sentido subjetivo oferecido no discurso jornalístico, percebe-se a criação de figuras um pouco mais concretas, relacionadas a outros discursos, como o literário, para trazer identificação ao leitor. Diz Vaz (2014, p. 25) que “podemos nos servir de uma oferta recorrente na mídia, que nos apresenta cotidianamente um rol de figuras heroicas com as quais podemos nos identificar”, ao que o autor aponta, também, o oposto, que seria o vilão para o leitor, ao dizer que apresenta “a nomeação do estranho, do ‘outro’, do diferente como nosso inimigo que devemos combater”. Esta abordagem deixa clara a intenção do discurso jornalístico em, além de causar

sentidos no leitor, incorporá-lo, de alguma forma, à narrativa e, no entanto, ter a percepção de tranquilidade ao se perceber não como o personagem real que vivência a tragédia, mas como quem assiste a algo que está distante, como explica Vaz (2012) ao citar Sontag.

Ao fornecer narrativas povoadas de mortos e agonizantes, continuada e reiteradamente a imprensa nos fornece farto material com o qual podemos proteger o nosso próprio lugar. Eles, de quem falamos, não somos nós. (SONTAG, 2007 apud VAZ, 2012, p. 46)

A morte é, aliada à violência, portanto, para a narrativa jornalística, recheada em composição de sentidos e proposições de identificação do leitor com a realidade ali construída, além de atender a critérios de noticiabilidade que darão legitimidade a sua escolha como notícia diante do que considera relevante de ser apresentado pelo jornalismo. Como afirma Antunes (2012, p. 49), “a morte reveste-se de aspectos que irão atender a um grande número de critérios de noticiabilidade nos mais variados contextos”, e segue com a afirmação, que alia estes dois temas referidos como critérios de noticiabilidade, quando ressalta a “atenção às mortes violentas”. Aqui notamos o caráter chamativo das mortes provocadas, não naturais, que podem aliar violência ou alguma tragédia extraordinária para levar todas as possibilidades de narrativa e sensações ao leitor.

Para reforçar a ideia do chocante como mais um chamativo da narrativa para prender o leitor em sua trama discursiva, que busca justamente isso, o impactante, e o que para este trabalho é relevante, temos a necessidade de perceber que, apesar de a morte ser um critério para um fato virar notícia, nem todas as mortes são relatadas. O mesmo ocorre com a violência, que agrega valor-notícia, mas que, mesmo assim, não garante isso à cobertura dos tantos fatos que podem acontecer na área de abrangência do jornal, como já tratamos anteriormente. Ou seja, a morte violenta pode não ser suficiente para um determinado veículo ou pode não conter os elementos que a empresa espera do fato, obrigando-os a analisar os casos para avaliar a proporção dada a cada um deles. Assim, junta-se aos critérios de noticiabilidade, a classificação que segue a partir de Antunes (2012):

Os estudos indicam pelo menos três dimensões de visibilidade da morte (do “momento fatal”, a exposição de corpos etc.), o chamado luto público que indica a construção e expressão pública de pesar que se dá principalmente em torno da ação dos meios de comunicação, e o próprio morrer em

público, uma forma de visibilidade marcada pelo acompanhamento de um processo de morte. (ANTUNES, 2012, p. 50)

Com este contexto, podemos perceber que, para a narrativa jornalística, a morte não acontece no fato em si, mas em todo o processo de composição do fato que levou a isso e nos desdobramentos posteriores à ocorrência. A visibilidade dada à morte e os cenários que levaram a ela são todos elementos importantes na análise do objeto aqui tratado, além das perspectivas e transformações dos fatos que culminarão em suficientes critérios de noticiabilidade para prosseguimento da apuração. Isso se justifica em Antunes (2012, p. 67): “vê-se pois que há mortes e que há óbvias distinções do morrer no quadro midiático”, e agregamos aqui que a mesma morte pode se distinguir durante o processo de seleção de notícias e construção narrativa, o que se dá, por exemplo, quando Antunes (2012, p. 67) afirma que “a significação do morrer pode se reportar às dimensões do privado ou adquirir inauditas dimensões públicas”. Portanto, há na mesma ocorrência uma potencialidade de abertura a novas narrativas, podendo um fato ser, primeiramente “digno” apenas de uma nota, até a ter a reconstrução das trajetórias de vida dos personagens continuada em um período maior de tempo e de edições do jornal.

Outra questão acerca da morte violenta e dos padrões pessoais e sociais, que abordamos no capítulo anterior diz respeito ao porquê de muitas vezes estes grupos terem suas vidas invisibilizadas. Assim, tornam-se interessantes apenas após a morte, de forma suficientemente cruel para que seja considerada extraordinária e ganhe espaço nas tantas manchetes que possam ser publicadas, ao que o jornalismo, como detentor do poder simbólico que citamos, não utiliza de forma a prevenir a ocorrência de mais casos semelhantes, mas de apropriar-se da tragédia alheia, da fatalidade, em nome da vendagem, circulação e atração do público-alvo. Como acentua Antunes:

Há ainda que se verificar em pormenor se tais possibilidades para a mídia informativa alcançam a proximidade que se dá pelo reconhecimento de uma situação comum, de uma interseção possível, para além de uma visibilidade que aparenta apenas que a notícia é só aquilo que tem lugar depois da morte. (ANTUNES, 2012, p. 67).

A morte pode ocorrer de diversas maneiras, mesmo que somada à violência, e esta situação preenche uma local a parte no que diz respeito aos temas da

narrativa jornalística, uma vez que toca em questões que são também culturais. A morte é vista de diferentes maneiras, com diferentes representações e sentimentos, desde percepções de comunidades religiosas ao ceticismo e racionalidade de correntes filosóficas. Todas, porém, têm inquietações sobre o assunto, já que se trata do desconhecido, de uma situação-limite, mas que no texto do jornal pode, inclusive, por sua frequente publicação e mesmo banalização decorrente da recorrência destes fatos em locais já reduzidos a representações de violência, cair em um contexto em que o leitor tome por habitual o convívio a partir das páginas dos diários informativos. Portanto, a morte, um dos temas que mais incide no pensamento humano sobre o desconhecido, pode ser levada a um grau chocante de naturalização, ainda mais quando pensamos na morte violenta de grupos sociais que estão às margens da sociedade. São as diferentes reações que a morte provoca e as contradições envolvidas no que diz respeito a sua expressão que Tavares (2012) pontua:

A morte é vista como um referente de faces distintas, cuja totalidade não se resume à experiência que ele provoca, e cuja presença na vida social incorpora certos enquadramentos que vão, por exemplo, de práticas ritualísticas do âmbito da cultura a outras do âmbito midiático, todos eles reveladores de traços de sua cotidianidade. (TAVARES, 2012, p. 71).

Essas situações opostas, da morte como reflexão inerente ao ser humano e a morte nas páginas dos jornais, que sucumbe ao cotidiano e a banalidade do fato, trazem outras peculiaridades quando percebidas a partir do processo de publicação da notícia. A morte, ao virar fato noticioso, recebe a atenção e a interpretação concreta a partir da visão editorial, podendo ter sua gravidade, e aqui não falamos diretamente do tamanho da violência, se é que se pode mensurá-la, diminuí-la ou aumentá-la, ao longo da investigação dos fatos, ao que Tavares (2012) explica, em relação ao trabalho das redações:

Plasmando coberturas sobre a morte que dão a ver tanto sua dimensão excepcional, revelando aquilo que seria exceção para o jornalismo (extraordinário no sentido primeiro daquilo que foge ao ordinário do dia a dia), quanto sua dimensão rotineira, expressa na recorrência do acontecimento-morte e em sua presença pouco tensa ou conflitiva na grade noticiosa (TAVARES, 2012, p. 71-72).

No que diz respeito aos sentidos colocados pelo discurso jornalístico e às significações absorvidas pelo leitor, essas variações e transformações permitem

notar que o fato morte, somado à violência, pode cair em uma naturalização pelo público, que toma aqueles fatos como normais, pois os encontra todos os dias nas páginas, tirando-lhe a sensação de que aquilo não é o natural, mas não deixando de causar sentimentos a ele. Como afirma Tavares (2012, p. 74), o tema “coloca em cena, a própria vida cotidiana, dando a ver significados que damos ou ‘devemos dar’ ao nosso dia a dia, criando juízos de valor sobre o trivial e suas dimensões aparentemente banais”. É neste momento que o discurso e o processo da notícia procura o fato extra, o que tira aquela morte violenta, que já não é fato novo, chocante, para seguir com a representação, agregando valor-notícia, como o extraordinário ou a rivalidade de dois grupos. Enfim, histórias que para as empresas de comunicação merecem ter espaço na publicação. Nesta linha está a colocação de Tavares (2012):

o jornalismo e suas práticas, apreendendo conscientemente as coisas que acontecem no mundo e dando a elas, de maneira oscilatória, um caráter extraordinário (envolto por lógica de noticiabilidade) e, ao mesmo tempo, um caráter incipiente – para usar os termos de Dewey – pouco refletido, inserindo-as em rotinas que trivializam os acontecimentos. (TAVARES, 2012, p. 75)

Portanto, o jornalismo e seu discurso utilizam dos elementos para classificar a morte, dando ênfase em casos que lhe são interessantes para publicação. É interessante perceber aqui que, mesmo que geralmente busque o extraordinário, há grande participação do discurso jornalístico em tornar o oposto, ordinária, a morte violenta, uma vez que esta aparece frequentemente nos jornais, que talvez não encontre elementos do extraordinário, mas que se força a publicar pois, enfim, é uma morte violenta, mesmo que cotidiana e comum (TAVARES, 2012).

Assim, buscaremos neste trabalho a transformação da morte violenta comum, naturalizada nas páginas do jornal, ao seu aspecto extraordinário, que diferenciará este fato do que antes era colocado em um padrão, além de passarmos pelo processo e motivos que levaram a isto ou, como nos mostra Tavares (2012, p. 76), “cabe falar, nesse viés, sobre aquilo, do cotidiano, que possuiria uma qualidade ímpar e mereceria destaque na disputa com as ocorrências diversas do fluxo diário de aconteceres”. Observaremos, portanto, estas qualidades que permitiram a continuação das apurações, resultando em nosso objeto de pesquisa.

4. METODOLOGIA E ANÁLISE

A proposta deste trabalho é analisar, segundo as narrativas jornalísticas do jornal Folha de S. Paulo, a criação e transformação de personagens, bem como comparar termos utilizados na narrativa, ao longo da apuração do caso do menino João Victor Souza de Carvalho, de 13 anos, que morreu em frente a uma lanchonete da rede Habib's, no dia 26 de fevereiro de 2017. Atenta também às construções de sentido dadas ao longo das seis reportagens publicadas pelo diário, durante o período de 1º de março a 17 de abril de 2017, estando compreendido nesse intervalo o *corpus* de pesquisa, que permeia desde a primeira nota com a notícia da morte do menino até as narrativas literárias que abordam fatos além da noite do acontecimento.

4.1 Análise pragmática da narrativa

Utilizaremos a metodologia proposta por Motta (2013), da análise pragmática da narrativa. Este aparato metodológico, exposto no livro “Análise Crítica da Narrativa”, auxilia na observação das construções de cenários a partir do texto jornalístico e as formas narrativas que este texto assume para atingir seus propósitos. É importante salientar que a metodologia da análise pragmática utiliza-se do termo discurso narrativo independente de questões linguísticas rígidas, como o estruturalismo, por exemplo, partindo de uma observação própria do analista, como demonstra Motta (2013):

Não acompanho este livro as exigências do formalismo ou do estruturalismo, correntes influentes nos primeiros momentos da narratologia. Não sigo seus pontos de partida, nem suas regras. Ao contrário, contesto a análise estruturalista imanente para adotar uma postura antropológica mais vasta e cultural. (MOTTA, 2013, p. 119)

Acreditamos ser esta uma característica importante para a análise a ser feita neste trabalho, uma vez que envolve, de forma relevante, as noções de contexto social, cultural, de indícios de marginalização e cooptação de histórias. Além disso, mas ainda inserido na questão da análise do discurso narrativo, é interessante perceber outra qualidade desta metodologia, que pretende buscar em termos aparentemente irrelevantes, a tentativa do discurso narrativo em criar sentidos e propor significações:

A análise da narrativa é um caminho rumo ao significado e o *significado é uma relação*: não há significado sem algum tipo de troca. Não se pode fazer análise da narrativa ignorando as relações culturais que se estabelecem no ato narrativo, desde o princípio. (MOTTA, 2013, p. 121)

Neste contexto de interpretações de termos e construções, Motta deixa clara a autonomia do analista ao avaliar o objeto de pesquisa, pretendendo que exista também algo no imaginário deste, desde que, claro, haja organização metodológica (MOTTA, 2013). Propomos aqui, portanto, para organizar a análise e como forma metodológica, seguir os passos descritos por Motta (2013), de modo que durante a análise percebamos também, de forma criativa, elementos dos seis passos descritos para esta análise, sendo eles:

1) Compreender a intriga como síntese do heterogêneo: que permite visualizarmos como um conjunto de fatos primeiramente isolados tornam-se um enredo;

2) Compreender a lógica do paradigma narrativo: ao percebermos que as narrativas e seus elementos possuem estratégias ao serem elaborados;

3) Deixar surgirem novos episódios: este passo ajuda-nos a perceber as transformações ocorridas durante o processo de análise e consequentes novos fatos;

4) Permitir ao conflito dramático se revelar: ou seja, perceber no discurso jornalístico elementos que trazem sensações e conflitos para dentro de um relato factual;

5) Personagem: metamorfose de pessoa a persona: aqui poderemos perceber como os elementos encontrados nas narrativas modificam as características exaltadas ou omitidas dos personagens, além de elevá-los ou rebaixá-los a estereótipos durante a construção;

6) As estratégias argumentativas: desta forma busca-se a contextualização das significações e sentidos na forma de narrar de cada profissional ou equipe.

Portanto, seguiremos os passos que nos levarão à análise do contexto narrativo e suas construções, passando por todo seu desenvolvimento, com o aparecimento de fatos e a expressão das histórias criadas e os consequentes sentidos e significações postos.

4.2 Corpus

Para esta análise, selecionamos cinco reportagens que estão dispostas na tabela abaixo:

Dados	Reportagem 1	Reportagem 2	Reportagem 3	Reportagem 4	Reportagem 5
Nome da matéria	Adolescente morre após confusão em Habib's da zona norte de São Paulo	Vídeo reforça relato de agressão a garoto morto, diz advogado	Laudo aponta que menino morto no Habib's teve infarto após usar droga	Morto em frente a Habib's, garoto empinava pipa e usava lança-perfume	Bairro do menino do Habib's sofre com falta de segurança, lazer e saúde
Data	01/03/2017	03/03/2017	07/03/2017	08/03/2017	17/03/2017
Autor	Janaína Ribeiro	Bruna Souza Cruz	Da redação	Juliana Gragnani Marlene Bergamo	Juliana Gragnani

4.3 O jornal Folha de S. Paulo

O jornal Folha de S. Paulo, sediado na capital paulista, surgiu a partir da fusão de outros três diários, em 1960. O primeiro deles foi o Folha da Noite, que teve seu ano de fundação em 1921. Em 1925, o Folha da Manhã é criado e, em 1949, surge o Folha da Tarde. No primeiro dia do ano de 1960 aparece, pela primeira vez, a Folha de S. Paulo. Na década de 1980, o jornal conquista o espaço de líder de circulação no país, o que se mantém até hoje, com distribuição nacional e tiragem de 309.660 exemplares nos dias úteis e 324.750 unidades aos domingos, segundo dados mais atuais, de 2015, do Instituto de Verificação de Circulação (IVC).

Desde 1992, o empresário Octavio Frias de Oliveira é o detentor da totalidade das ações do grupo Folha, e seu filho, Luiz Frias, é o atual presidente do grupo que inclui outras empresas voltadas ao setor da comunicação e pesquisa. Já o perfil do

leitor do jornal é composto 53% por homens, sendo metade de seu público da classe B, e 37% da classe C. A faixa etária que vai dos 25 aos 44 anos representa 43% deste público.

Em 2017, a Folha de S. Paulo lançou a atualização de seu projeto editorial, sob o título de “Jornalismo profissional é antídoto para notícia falsa e intolerância”. Inseridos neste documento estão 12 princípios que, listados em grupos ou individualmente, segundo empresa, resumem os princípios editoriais. São eles:

- 1) Um panorama de mudanças na economia, na política e nas ideias;
- 2) Investimentos, novas tecnologias e pressões de mercado;
- 3) Um jornalismo cada vez mais crítico e mais criticado;
- 4) Seleção de fatos e compreensão de seus nexos num texto mais livre;
- 5) Treinamento, reciclagem e combate sistemático a erro;
- 6) Crítica, pluralidade e apartidarismo num espaço em reformulação.

4.4 O caso João Victor: a aplicação da análise pragmática narrativa

Começamos a análise deste conjunto de reportagens observando justamente a ligação entre as situações descritas em cada uma delas. Em um primeiro momento, o que parecem ser fatos separados, ao terem seus desdobramentos apontados, resultam em uma ligação, transformando o universo estudado em um enredo, em que cada uma das reportagens traz um ou mais cenas para a construção da narrativa. Esta situação é chamada por Motta, a partir da visão aristotélica de Paul Ricoeur, de *intriga*, em que fatos soltos no tempo assumem o papel de cenário em um enredo que liga os elementos do discurso e transforma a narrativa. Segundo Motta (2013, p. 140), podemos resumir este conceito como o fato de “perceber como o enredo funciona enquanto agente organizador das partes.”.

Ao discorrermos cronologicamente, na Reportagem “Adolescente morre após confusão em Habib’s da zona norte de São Paulo” (reportagem1) visualizamos o relato de um fato ocorrido no dia 26 de fevereiro de 2017, mas que tem sua divulgação apenas no dia 01 de março, o que nos leva a reflexão sobre as escolhas

do jornalismo no sentido de selecionador das notícias. Como vimos nos capítulos um e dois, a morte, somada à violência, é geralmente critério de noticiabilidade e causa sensações diversas no leitor. Também sabemos que, uma das prioridades do jornalismo, mais especificamente das empresas frente a suas concorrentes, é o fator tempo, dar a notícia antes dos outros jornais. Percebemos, então, que algo precisou ser determinante no sentido de dar relevância ao único fato da morte de um garoto de 13 anos em circunstâncias não esclarecidas.

Encontramos, então, outro fato na mesma reportagem (reportagem1), que potencializa a atração do jornal em divulgar o caso, mesmo três dias após o ocorrido, sendo esta o questionamento dos familiares do menino em relação a circunstâncias de sua morte. Percebemos aqui uma ligação de fatos que instigou a editoria de que ali havia elementos para a construção da *intriga*. Agora, portanto, o jornal não estava diante de mais um caso que se diz rotineiro, no sentido de seguir o padrão tratado no capítulo dois, em que moradores da periferia, na faixa etária próxima a de João Victor, têm suas mortes relatadas com frequência e, por isso, para os manuais, merecem menos destaque. A atenção lançou-se no momento em que a família mencionou a possibilidade de que seguranças de uma grande rede de lanchonetes haviam matado o garoto. Seriam três fatos separados, apenas na primeira reportagem, que ligados têm a capacidade de dar ao jornalista ou à equipe elementos para formar um cenário: a morte de um menino de 13 anos, possivelmente por seguranças e, estes, empregados em uma grande rede, o que causa impacto, fazendo a relação com filmes, como Motta também o faz, uma atrativa locação para criar o enredo.

Convém afirmar aqui que estes três fatos agora entrelaçados são parte de um enredo a ser montado, mas não são a sua totalidade. Na verdade, estes três primeiros fatos que se relacionam demonstram o porquê de o caso ter tido a repercussão notada. Porém, é um fato novo que aparece, que se une ao depoimento da família e dá força de credibilidade ao discurso desta e de uma testemunha, e garante que aquele cenário tenha valores suficientes para continuação. O vídeo, reportado na reportagem “Vídeo reforça relato de agressão a garoto morto, diz advogado” (reportagem2), em que o João Victor aparece sendo arrastado pelos seguranças desmente outros relatados da reportagem 1, de que ele apenas teria sido reprimido e, mais do que isso, ilustra a violência, o que obviamente cria

sentidos mais fortes no leitor. O vídeo é, portanto, a ilustração do questionamento da família sobre a real causa da morte do menino (não a confirmação, uma vez que desmente relatos, mas não confirma o espancamento ou morte causada pelo mesmo).

Após convencidos da relevância jornalística do caso, os profissionais de comunicação da Folha de S. Paulo envolvidos na apuração buscam novos fatos que irão gerar uma história cada vez mais atrativa e recheada de significados para a interpretação do leitor. E, salientamos aqui, a busca pelos novos fatos, uma vez que, do pedido de um laudo sobre a causa da morte até seu resultado, haveria um hiato no sentido da cobertura, podendo fazer perder o interesse do leitor. Assim, para seguir o enredo, é necessário que os jornalistas procurem novos atrativos para a reportagem. Percebe-se então nas reportagens “Morto em frente aHabib’s, garoto empinava pipa e usava lança-perfume” e “Bairro do menino do Habib’s sofre com falta de segurança, lazer e saúde” (reportagens 4 e 5) essa busca pelos fatos novos, que seguirão construindo a história, agora em um tempo criado pelo discurso narrativo jornalístico, e não mais segundo o que vão apontando as investigações.

Surgem, agora, as histórias sobre a vida de João Victor Souza de Carvalho. É na reportagem⁴ que iniciam os relatos que irão dar um rosto e uma história ao garoto, antes apenas um adolescente morto em frente a uma lanchonete, mas que agora tem pormenores de sua vida contados, para que aqueles relatos das Reportagens 1, 2 e 3 tomem cada vez mais forma corpo e consolidem, em conjunto, um enredo. Agora, os relatos da vida desse adolescente são utilizados quase como um *flashback* daquela situação discorrida nas três primeiras matérias. Não seria interessante para o hábito percebido no jornalismo contar a história de um jovem da periferia, uma vez que é o relato infelizmente comum no Brasil, já que os jovens, negros e periféricos são as principais vítimas da violência no país, como demonstra o Mapa da Violência ano após ano. Porém, esta trajetória ganha contornos de interesse do leitor, pois já não é apenas mais um adolescente periférico vítima de violência que está tendo a história contada, mas aquele jovem em específico, visto correndo dos seguranças e, na sequência, sendo por eles arrastado, mostrando toda sua impotência, e que depois viria a morrer. Alia-se, então, este fato, ou seja, a vida de João Victor, a tragédia acontecida no dia 26 de março.

Já na Reportagem⁶ a visibilidade dada é para o contexto social vivido por João Victor, mas que só é dada por causa dos fatos já citados e desta forma coletiviza a vida do adolescente morto e representa que dali podem surgir histórias parecidas com a do menino de 13 anos. Demonstra que, mesmo que não sejam apresentados até tornem-se trágicos, surgirão novos fatos que estão, de alguma forma, relacionados a fatos semelhantes aos experienciados por João Victor. Os problemas que potencializam a violência estão ali relatados, problemas estruturais, doenças, drogas, mas também se fala de empreendedorismo. Ou seja, diferentes caminhos de trajetórias de vida, mas todas ligadas ao caso ocorrido em frente à lanchonete, como se o enredo pudesse comparar, inclusive, as vidas de João Victor e a de seus vizinhos.

Desta forma, somando-se os fatos que aparecem e aqueles em que os jornalistas vão atrás, cria-se um enredo, que é determinado pela editoria a partir da visão do que aquilo pode oferecer na questão de atrair o leitor. Neste caso, observa-se que o cenário flui no tempo a partir do acontecimento. Segue para um período curto até as primeiras apurações e, notada a relevância e excepcionalidade do caso, busca-se elementos para a continuidade. Como podemos perceber, eles serão trazidos, muitas vezes, do passado, a partir de uma história que, se não fosse o fato trágico, não apareceria nas páginas dos jornais, o que fica claro com o gancho do relato dos problemas da comunidade em que residia o menino e a imagem dele, exemplificado no trecho:

Sentado na beira da pista de skate, Jonathan Lima, 19, se mostra resignado. "Somos esquecidos aqui. Carentes do Estado, mas o Estado não tá nem aí." Ele é um dos 265 mil habitantes do distrito da periferia de 21 km² (o dobro do Morumbi, na zona oeste, ou três vezes o tamanho da Mooca, na leste), onde vive "desde sempre" com o pai vigilante e a mãe caixa de mercado. (Reportagem 5).

Estas situações enquadram-se também no surgimento de novos episódios, outro passo citado por Motta para a análise da narrativa. Após analisarmos o enredo tramado a partir de um fato, que se liga a outros tantos para elaborar um cenário, observamos agora a forma discursiva com que os textos são apresentados, outro passo apresentado por Motta para a análise. Para inserir esse contexto, Motta (2013, p. 147) explica que "os elementos da narrativa empírica que pretendo analisar precisam ser compreendidos como artifícios, truques, artimanhas estratégicas da

comunicação narrativa.”. Portanto, ao analisarmos o que é dito, temos que interpretar as formas e contextos destas palavras, uma vez que, como já vimos, é na construção de sentidos que o discurso jornalístico irá basear-se para interagir e prender a atenção do leitor.

Começamos observando que, na Reportagem 1, a manchete e o texto da jornalista falam sobre o evento que terminou (não necessariamente causou) com a morte do menino, trazendo a denominação “confusão”. Como vimos na citação acima, não é o sentido literal que temos que analisar aqui, mas as estratégias. Ou seja, obviamente um evento em que termina na morte de um menino de 13 anos é fruto de uma confusão, mas há mais que se falar nesse sentido, uma vez que a família fala em espancamento. Desta forma, a repórter não indica uma violência covarde, que seria o linchamento de um menor, aliviando o relato com a denominação utilizada e dando ar de igualdade de forças na situação. Em contradição a esta descrição do evento, a manchete da Reportagem 2, que traz o vídeo, importante indício para as investigações, diz “*Vídeo reforça relato de agressão a garoto morto no Habib's, diz advogado*”. Apesar de sabermos que quem afirma é o advogado da família do menino, é o jornal quem dá credibilidade a afirmação ao colocá-lo na manchete, e destacar o termo “reforça”, tratando das agressões. Assim, toma e transforma o discurso. O que antes era “confusão”, agora é uma provável “agressão”. A partir do aparecimento do vídeo, o jornal muda o tom do discurso ao cogitar fortemente a hipótese de espancamento.

Outra comparação pertinente das reportagens 1 e 2, no que diz respeito a forma da narrativa, é a de que na primeira há forte presença de testemunhas que induzem o pensamento e a versão de que o menino realmente ameaçava clientes e funcionários, uma vez que a maioria dos ouvidos na Reportagem 1 foram justamente os funcionários, que acusavam o adolescente. Já na reportagem2 surge uma nova testemunha, agora em defesa de João Victor, o que também aparenta servir para o jornal perceber que pode ser interessante tomar como verdade os relatos de agressão.

Ainda no texto da reportagem2 um termo dentro de uma frase chama a atenção: “No vídeo divulgado pela TV Band nesta quinta-feira, João Victor é visto segurando um pedaço de pau, como haviam afirmado **alguns** funcionários da

empresa no dia da ocorrência.”. O termo “alguns”, grafado acima, denota um esvaziamento do número de fontes que acusam o menino, mas não afirma isto. Na reportagem1, antes do aparecimento do vídeo e da nova testemunha, o termo não é utilizado, aparentando que seria a totalidade dos funcionários a reproduzirem as acusações. Desta forma, a narrativa vai adotando uma moderação frente ao caso, percebendo que os indícios apontam para um possível espancamento.

Agora comparemos as manchetes da reportagem1 e da reportagem 4, com a relevante informação de que não houve resposta definitiva para a morte do menino entre as duas publicações:

Reportagem 1: “Adolescente morre após confusão em Habib's na zona norte de São Paulo”

Reportagem4: “Morto em frente a Habib's, garoto empinava pipa e usava lança-perfume”

Aqui destaco os usos de “morre”, na reportagem1 e de “morto”, na reportagem 4. A estrutura narrativa causa, na primeira, uma ideia de que o menino pode ter morrido sob qualquer circunstância, ele morre, quase como quem assume a ação de morrer. Na segunda, o uso de “morto” causa a sensação de que o sujeito é passivo, de que foi morto de alguma forma não natural, em um cenário de tragédia. É perceptível a diferença no uso de termos parecidos para criar a estrutura de narrar. O menino, que antes “morreu”, agora “(foi) morto. Esta é mais uma estratégia para subitamente tomar algum partido na situação ou não se colocar em situação de comprometimento devido aos fatos concretos que vão surgindo na investigação do caso e apuração da notícia.

Seguindo na reportagem4, percebemos uma diferença bastante significativa em toda a estrutura narrativa. Enquanto nas três primeiras publicações percebemos um estilo de “hard news”, com uso do lead e interesse nos relatos das fontes, temos então nesta matéria observada um tom literário, em que fatos não exatamente factuais iniciam a reportagem e vão abrindo espaço para a descrição de momentos da vida de João Victor. Aqui, ele vai ganhando características de personagem no enredo criado e tem sua vida contada de forma leve e descritiva. O início da matéria difere-se completamente do tom investigativo/policial, ao iniciar contando um fato

trivial do passado que, para a apuração sobre as circunstâncias de sua morte nada revelam: “Quando perdeu o dente em uma briga no ano passado, João Victor chorou durante uma hora. Depois, voltou à praça onde tinha acontecido a briga e abraçou o moleque que havia quebrado seu dente.” Aqui notamos a ampliação do interesse do veículo para além do caso dos eventos que causaram sua morte, percebendo na comoção pública um atrativo para contar as histórias do menino, que agora podia ser o filho do público-alvo que tem um filho que se desentendeu na escola.

É a busca do jornalista e seu discurso pela identificação do leitor com aquela situação que aparece na situação acima e que abarca outro passo citado por Motta (2013), o do enredo dramático, que trará sentido ao leitor e oferecerá a ele elementos para a interpretação. A reportagem segue descrevendo características físicas do menino, que segundo a reportagem era “baixinho, magro e dentuço”. Esta parece ser outra estratégia de comoção, de identificação do jornalista para com o público, ao oferecer elementos para que este leitor imagine um menino, que segundo as características físicas, poderia ser um adolescente de seu convívio e não mais o infrator que entrou em uma lanchonete e envolveu-se em uma confusão, outro elemento que potencializa sensações no imaginário do leitor.

No seguimento do texto fala-se do menino como, apesar de usuário de drogas ilícitas, trabalhador e apegado à família, valores muito difundidos na classe média brasileira, - público-alvo da Folha de S. Paulo. É a primeira vez, aliás, que se fala, ao longo da construção do enredo, das características do menino para além do dia em que ele morreu. São relatados seus hábitos, típicos de uma criança, como empinar pipa e andar de skate e de bicicleta. Mais uma vez é acionado o imaginário do leitor para sensibilizar de que aquela personagem em questão é um menino, menor de idade, e que pode ter sido morto covardemente. Para seguir na sensibilização, o texto traz a vida em família e de forma representativa o fato da irmã estar grávida e, causando mais uma vez sensações, traz este fato para comover no sentido de que aquele bebê não conhecerá o tio o que, inegavelmente, é um momento triste e marcante para os envolvidos.

Talvez o que mais cause comoção no imaginário de um ser humano seja a perda de um filho por uma mãe. A sensação de inversão do ciclo da vida fica iminente e maximizam todos os argumentos que explicam o porquê da morte

somada a violência ser um critério de noticiabilidade relevante. Ainda na reportagem 4, um trecho demonstra o sensacionalismo do caso. Como se já não fosse triste uma mãe perder um filho, a descrição da situação, com a posição de inferioridade no espaço físico da mãe do menino e o relato da pobreza, pretende tornar mais trágica aquela morte, mais uma vez com elementos que narram que aquele menino, apesar da habitual morte violenta que toma conta de seu padrão social, afinal tinha uma família, tal qual o leitor:

Sentada na cozinha da casa da prima, sua mãe, Fernanda Cássia de Souza, 34, diz: "Já deu para perceber que somos pobres, né?". O aluguel da casa onde vive com as outras duas filhas é de R\$ 450. Ela lembra com emoção de quando João Victor ia visitá-la na garagem onde ela lava ônibus. "A alegria dele ninguém traz mais. Tiraram os sonhos do meu filho", diz, chorando. "Se ele já tinha ido embora, por que correram atrás dele?", questiona. "Arrastaram meu filho como se fosse lixo -lixo, não, porque saco de lixo a gente toma cuidado para não rasgar (reportagem 4).

Na Reportagem 5 existe a coletivização da imagem de João Victor, ao que a apuração vai ao local onde ele vivia para perceber, quem sabe, como é a vida lá, o porquê de garotos de 13 anos usarem drogas e estarem marginalizados, mas na verdade este texto também é uma utilização por parte do discurso jornalístico e da redação para causar sensações no leitor padrão da Folha de S. Paulo. Ao buscar os problemas da região, o jornal pretende causar entendimento do público, afastado dessa área, à atitude que podem ser consideradas comuns nesses locais. Já com quase todo o enredo conhecido, desde o fato, passando pelas investigações e terminando numa espécie de biografia do personagem em questão, o texto agora visa mostrar ao consumidor que aquele é a realidade de João Victor, mas também é a realidade de outros tantos, que podem terminar tal qual o protagonista, ou de forma heroica, e aqui utilizando mais uma percepção proposta por Motta, a da metamorfose de um personagem. Ou seja, João Victor transformou-se e o jornal deixa a inquietação para o imaginário do leitor de outros personagens que poderão sair daquele bairro descrito na Reportagem 5. Com tantos relatos de amigos de João, que poderiam ser João, e que o leitor vai pensar se foi João, sem perceber que em uma próxima leitura de morte violenta, lá estará um vizinho de João, narrado em outro fato, com o enredo parecido, pois a realidade está posta na Brasília, na realidade das periferias. Esta parece-nos a intenção da forma narrativa da reportagem 5.

São seus vizinhos, aliás, que ganham voz no discurso construído, e partir de seus relatos, podemos perceber a ideia da publicação dessas vozes, ao notarmos um potencial se não de herói, de mártir daquela comunidade:

Na tarde desta terça (7), adolescentes lembravam de quando ele ficava ali. "Trocava ideias, me disse que queria ser astronauta quando crescesse", lembra Rafaela Gomes, 18. "Era uma criança sozinha, sem estrutura familiar." O rapper Rafael Eduardo, o DuRap, 32, diz que o menino, "hiperativo", arriscava umas rimas, mas mais ligadas ao funk –chegou a gravar vídeos no celular da mãe, onde há fotos suas na piscina da casa da tia, celebrando o aniversário, usando um gorro de pelúcia da irmã. "A gente estava tentando fazer o moleque tomar um rumo. Foi mais uma vida tirada nesse palco de guerra que é a Brasilândia", lamenta. (reportagem4).

Percebemos a tentativa de construção e comoção destas ações do jornalista, além das escolhas de que relatos seriam publicados, mas de que ali estavam outros tantos moradores, de faixa etária próxima, que poderiam ter suas vidas também contadas, mas que na verdade naquele momento, só interessavam para servir de nó para o enredo construído sobre a morte de João Victor.

Por fim, analisamos aqui a transformação de um personagem, em que este é alavancado da invisibilidade dos dias em sua comunidade, ou em frente à lanchonete onde morreu, para ter sua vida contada em detalhes. Com contornos de drama, comoção, para que aquele leitor da Folha de S. Paulo sintasse, de alguma forma, identificado com a situação, mesmo que de longe, mesmo que esse mesmo leitor, apartado da realidade que experimenta pelas páginas do jornal, possa esquecer-se do ocorrido logo após outro fato parecido acontecer.

As narrativas estão baseadas nessas significações, a partir da percepção das editoriais do que pode ser atrativo nos fatos ocorridos todos os dias. A escolha pela sequência de apuração atribuída ao caso João Victor Souza de Carvalho aponta para o sentimento de covardia em que um menino é arrastado enquanto está desmaiado por seguranças fisicamente incomparáveis com ele, com o questionamento da família, que ganha credibilidade a partir de um vídeo e que, a partir de então, transforma o discurso, ao que vimos, em termos às vezes aparentemente insignificantes, entre “confusão” e “agressão”, entre “morre” e “morto”, mas também em relatos longos da família e de amigos, e de uma visita a uma comunidade que parece ter acontecido apenas após uma tragédia, para talvez buscar outras histórias, as quais parecem encantar os leitores por tocar no

imaginário, na familiaridade, por sentir-se de alguma forma inserido na história, esta que foi criada a partir de um conjunto de fatos e constituiu-se em enredo a partir da ligação destes fatos. Essa segunda forma de tratar a violência, de colocá-la em termos de algo que pode ocorrer comigo ou com alguém da minha família, está dentre os discursos da violência, que propõe DaMatta (1993). Se no primeiro momento, a discussão é fria, procedimental, apartada da ideia de um sujeito com um rosto e uma história, conforme se desenrola, se aproxima das relações da casa e a violência passa a ser vista a partir da proximidade e a recoloca no lugar da subjetividade, das tragédias dentro da tragédia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este trabalho propondo perceber, a partir da construção do discurso e das narrativas jornalísticas as transformações ocorridas no interesse sobre e nas formas de contar um fato, a partir do que aquele episódio apresentava em relação a elementos destes contextos estruturais. Também procuramos entender a trajetória que leva um personagem da invisibilidade ao relato de sua vida contado em um jornal de grande circulação nacional. Para este projeto, utilizamo-nos dos seis passos propostos por Motta (1993) para a análise pragmática da narrativa, que engloba, desde a percepção de um fato isolado a construção de cenários e desdobramentos que levam a um roteiro narrativo com relações de sentido e de significações.

O trabalho de conclusão de curso permite um primeiro contato aprofundado com um texto científico, mas ter de optar por um aporte metodológico condiciona, de certa forma, a interpretação da análise já que, ao focar em alguns aspectos do objeto, inevitavelmente negligenciamos outros.

De qualquer maneira, o esforço de pesquisa aqui empreendido nos permitiu perceber que existe, por parte do jornalismo, uma apropriação das histórias, que seria legítima, não fosse o fato, como o apresentado aqui, de apenas retratar um personagem após a morte trágica e contextualizar seus dramas após a o fato acontecido, tal qual retratar a vida e a comunidade de João Victor justamente no momento que ele não voltará àquele lugar.

Penso que o jornalismo poderia contar histórias sobre essas comunidades sem precisar de uma tragédia, pois durante as narrativas nas reportagens analisadas, foram construídas outras histórias que, se eram relacionadas com a tragédia, têm elementos para uma narrativa mais leve, com interesse e compromisso social. Mesmo que saíssemos do campo narrativo, analisando o conteúdo ou abordando a recepção desses conteúdos, podemos deduzir que perceberíamos falhas recorrentes na cobertura do jornalismo acerca desses locais periféricos, que ganham visibilidade, como já dissemos, em momentos de drama.

Após realizar o trabalho, choca o fato de o jornalismo se apropriar da história de um adolescente com tamanho oportunismo, analisando friamente os contextos

que geram valor-notícia, por mais cruel que sejam estes eventos, e, de forma mais contundente, não realizar o relevante papel social que poderia ser de prevenção destas tragédias, como demonstrar as situações de uma comunidade, antes que moradores reagirem de alguma maneira a falta de acesso a direitos básicos.

Ao concluir, exprimo que há literatura suficiente, no que tange às percepções da construção de sentido e também sobre a relação jornalismo e violência, inclusive quando este fator vem acompanhado de morte, talvez por que a teoria do jornalismo enxergue estas falhas sociais da profissão, diferentemente do mercado, guiado pela necessidade de atingir e prender o leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, M. R. **A Construção da notícia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANTUNES, Elton. Notícias depois da morte: visibilidades e ausências no jornalismo. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo (org.). **Jornalismo e Acontecimento**: diante da morte. Volume 3. Florianópolis: Insular, 2012.

DAMATTA, R. Em torno da representação de natureza no Brasil: pensamentos, fantasias e divagações. In: **Conta de Mentiroso**: sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 1993

HALL, Stuart. CHRITCHER, Chas, JEFFERSON, Tony, CLARKE, John, ROBERTS, Brian. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.) **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

BENETTI, Márcia. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. In: **Intexto**: revista do mestrado da comunicação UFRGS, v.1, n.14, p.1-11, janeiro/julho de 2006.

BENETTI,_____. Análise do Discurso em jornalismo, estudo de vozes e sentidos. IN: LAGO, Cláudia, BENNETI, Márcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Vozes: Petrópolis, RJ, 2008.

_____. O jornalismo como gênero discursivo. IN: **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

RODRIGUES, A. O acontecimento. In: TRAQUINA, N. (Org.) **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vegas, 1993.

RAMOS, Sílvia e PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência**: Novas Tendências na Cobertura de Criminalidade e Segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. v. 2. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

_____, N. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. v. 1. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

ANEXOS

ANEXO A – REPORTAGEM I

cotidiano dia mundial da água massacre em presídios carnaval andes tragédia rio doce rio sp, 6/3

Adolescente morre após confusão em Habib's na zona norte de São Paulo



Fachada do Habib's na Vila Nova Cachoeirinha, em São Paulo (SP)

JANAÍNA RIBEIRO DO 'AGORA'

01/03/2017 0 15h27

Compartilhar

Um adolescente de 13 anos morreu na noite de domingo (26) após uma confusão em uma lanchonete Habib's da Vila Nova Cachoeirinha, na zona norte de São Paulo.

Familiares disseram que João Victor Souza de Carvalho foi agredido com um soco por dois desconhecidos em uma mesa próxima ao balcão.

Familiares disseram que João Victor Souza de Carvalho foi agredido com um soco por dois desconhecidos em uma mesa próxima ao balcão.

Funcionários contaram outra versão à polícia: disseram que o adolescente estava alterado, foi apenas repreendido e teve um mal súbito logo depois.

O boletim de ocorrência, registrado no 13º DP (Casa Verde), na zona norte, afirma que o adolescente pedia comida na lanchonete e que, em determinado momento, apresentou "comportamento alterado". Testemunhas disseram que ele ameaça bater com madeira em carros de clientes, foi repreendido por funcionários e desmaiou.

Socorrido, João Victor morreu antes de chegar ao hospital. Segundo laudo do serviço funerário exibido pela família, a causa da morte foi "infarto do miocárdio".

O caso foi registrado pela Polícia Civil como "morte suspeita". O boletim de ocorrência diz que não havia marcas de violência no corpo. Familiares negam: dizem que o adolescente levou pelo menos um soco no rosto.

MARCA ROXA

O catador Marcelo Fernandes de Carvalho, 43, pai do adolescente, diz que o menino tinha uma marca roxa do lado direito do rosto. "Tudo o que eu quero é saber o que aconteceu com o meu filho. É horrível ficar nessa angústia. Ele era um bom garoto, sempre me ajudava comprando algum alimento", disse.

Prima do adolescente, a secretária Alini Cardoso, 26, disse que a família não pôde ver se havia marcas de agressão no corpo (nem no reconhecimento, pois o garoto estava vestido, nem no velório, pois o caixão veio lacrado – só era possível ver o seu rosto por um vidro).

Segundo parentes, o adolescente fazia malabares em semáforos e não estudava.

OUTRO LADO

O Habib's, por meio de sua assessoria de imprensa, informou que a rede apura os fatos da "lamentável ocorrência". Disse que a PM foi acionada após a conduta "incontrolável" de João Victor e que o resgate foi chamado. Também disse que vai cooperar com as investigações. * * *

folhashop R\$ 2.629,00

leia também

In-Índio atinge barracos da favela de Paraisópolis, zona sul de São Paulo

Mulheres protestam contra assédio e machismo em blocos de Carnaval

PM usa bombas e gás pimenta para dispersar foliões no centro de SP

Agora

Quais são os melhores hotéis em São Paulo? Grupo cristinista PCC tenta dominar os presidios do país todo

PROMESSAS DE DORIA

Folha usa ferramenta on-line para acompanhar as promessas feitas por Doria em campanha

TUDO SOBRE O MOSQUITO

Folha vai à Soresta Zila em Vigãdo para documentar as origens do vírus da zika

EstúdioFolha projeto patrocinado

Florestas protegem a água São mais de 33 mil hectares de plantio

sigua a folha

RECEBA NOSSA NEWSLETTER

folhashop

Leva Loupes Eletrônica

quinta R\$ 1.698,00

Voz-Mart

trivago

Procurando as melhores tarifas? Compare e faça sua reserva

Pesquisar

ANEXO B – REPORTAGEM II

cotidiano dia mundial da água | massacre em presídios | carnaval | sedes | tragédia rio doce | rio | sp, 463

Vídeo reforça relato de agressão a garoto morto no Habib's, diz advogado

tvfolha



BRUNA SOUZA CRUZ DO UOL
03/03/2017 @ 19h17

Para o advogado Ariel de Castro Alves, que acompanha a família do garoto de 13 anos morto em frente a uma unidade do Habib's, em São Paulo, as imagens de um vídeo divulgado nesta quinta (2) reforçam o relato feito pela única testemunha do caso.

Sibília Helena Trovati, 59, afirmou na quarta-feira à polícia ter visto João Victor ser agredido por "um homem forte, gordo, moreno com uniforme do Habib's" e desmamar em seguida. Quando o menino a chamou para ajudá-lo a levantar a camisa, ela viu o menino com o rosto machucado e desmaiado.

folhashop
Multifuncional 60cm...
à vista
R\$ 2.499,00

PROMESSAS DE DORIA
Folha usa ferramenta on-line para acompanhar as promessas feitas por Doria em campanha

folhashop
Samsung Série 6 49...
à vista
R\$ 3.199,00

Adolescente morre após confusão em Habib's na zona norte de São Paulo
Justiça do Rio decreta prisão de três acusados por morte embaixador grego
Anistia Internacional aponta aumento de mortes por policiais no Brasil
Ao criticar motim da PM, governador de ES recorre a dados trucados

CLUBE DO CRIME
Cidade em São Paulo, facção criminosa PCC trata domínios os presídios do país todo

Sibília Helena Trovati, 59, afirmou na quarta-feira à polícia ter visto João Victor ser agredido por "um homem forte, gordo, moreno com uniforme do Habib's" e desmamar em seguida. Segundo o relato, o homem segurou o garoto pela gola da camisa e deu um soco na cabeça dele.

Ela também contou que presenciou um outro funcionário do Habib's "alto e magro" puxar o adolescente pelos braços junto com o primeiro agressor e, juntos, seguraram de volta para o Habib's. O menino desmaiou durante o trajeto e, segundo ela, espumava pela boca.

No vídeo divulgado pela TV Band nesta quinta-feira, João Victor é visto segurando um pedaço de pau, como haviam afirmado alguns funcionários da empresa no dia da ocorrência. Em determinado momento, o garoto atravessa a rua correndo, seguido por dois homens.



Família de João Victor protesta em frente a unidade do Habib's onde garoto morreu

Após alguns instantes, eles voltam para o lugar de origem, arrastando o menino e o jogando contra o chão. Aparentemente, o menino está desacordado e não demonstra reação. O advogado informou que as imagens já estão com a delegacia responsável pela investigação.

"Essas imagens reforçam o depoimento da testemunha. É um indicio de que funcionários do Habib's podem ter praticado agressões que desencadearam a morte da criança", afirma Ariel de Castro Alves, que é membro do Condepe (Conselho Estadual de Defesa da Pessoa Humana).

O UOL tenta desde a tarde de quinta-feira um posicionamento da SSP (Secretaria de Segurança Pública) sobre os questionamentos do advogado que acompanha a família de João Victor. A assessoria de imprensa da SSP-SP informou que a posição da SSP permaneceu a mesma informada em nota

Folha usa ferramenta on-line para acompanhar as promessas feitas por Doria em campanha

TUDO SOBRE O MOSQUITO

Folha vai à floresta Zika em Uganda para descobrir as origens da vírus da Zika

EstúdioFolha projetos patrocinados

Florestas protegem a água
São mais de 13 mil hectares de plantio

siga a folha

RECEBA NOSSA NEWSLETTER
Digite seu e-mail: enviar

folhashop
Edição Especial...
Por R\$ 179,90

folhashop
Eletro e Decora...
à vista
R\$ 359,87

PARKWAY
SAVANNA

COMPARTILHE ESTE LINK

COMPARTILHE ESTE LINK

ANEXO C – REPORTAGEM II

O UOL tenta desde a tarde de quinta-feira um posicionamento da SSP (Secretaria de Segurança Pública) sobre os questionamentos do advogado que acompanha a família de João Victor. A assessoria de imprensa da SSP-SP informou que a posição da SSP permanecia a mesma informada em nota divulgada no dia 19.

“A Polícia Civil esclarece que o 28º Distrito Policial investiga, por meio de inquérito, a morte de João Victor de Souza Carvalho, de 13 anos, ocorrida na noite de domingo (26), em frente a um restaurante na Freguesia do Ó. O caso foi registrado no 13º DP como morte suspeita. A polícia aguarda resultado dos laudos para confirmar a causa da morte.

Alves afirma haver diversas falhas por parte da polícia no caso que investiga a morte. O primeiro erro, segundo ele, foi a Polícia Civil ter descartado o relato da testemunha, Sílvia Trofi, que se prontificou a relatar o que viu quando os policiais chegaram ao local.



Fachada do Habib's na Vila Nova Cachoeirinha, em São Paulo (SP)

Segundo Trofi, FMs teriam dito que ela era “noia” e que não serviria para depor. “Se os FMs tivessem dado crédito à testemunha (no momento do atendimento), os autores desse crime bárbaro poderiam estar presos (em flagrante)”, afirmou Castro. Trofi prestou depoimento no 28º DP (Freguesia do Ó) na quarta-feira, três dias depois da morte do garoto.

Outra crítica do advogado é sobre a demora no início das investigações. Para ele, é um “absurdo” o caso ter demorado três dias para ter um inquérito aberto. “Os fatos ocorreram às 19h do dia 26. O registro ocorreu apenas às 4h da manhã do dia 27. E as investigações começaram só três dias depois. Apurações de mortes não podem aguardar o final de feriados”, relatem, em referência ao Carnaval.

O resultado do laudo que comprovará a causa da morte de João Victor ainda

envie sua notícia

Fotos Vídeos Relatos

EM DESTAQUE

1. Inverno quente e úmido e queda de temperatura pelo país, veja previsão
2. Passageiro firma pouso forçado em rio de Janeiro, grávido morre em resgate
3. PM matam 6.000 metanfetaminas sem uso, dentro de caixa, há 8 anos em DP
4. Criança precisa andar pela cidade para ser cidadã, afirma urubiana
5. Tortura em centros de país para jovens estrangeiros causa críticas internacionais

Studio 1 e 2 dorms.

LAZER COMPLETO

PISCINA COM SPA PISCINA COBERTA
FITNESS QUADRA DE SEQUÊNCIA
CHURRASQUEIRA BICICLETÁRIO

CLIQUE E CONHEÇA

folhashop

Compare preços

Tratado de Neurologia...
e mais
R\$ 635,92
Livaria Marina Pontes

Livraria da Folha

Livraria da Folha

8 ANOS

descontos de até 80%

+ livraria

- Intelectuais analisam crise e futuro da esquerda em livro
- Jornalista expõe em livro divergências entre Keynes e Hayek sobre economia
- Livros trazem exercícios para estimular a memória

Aproveite!

7 Dias Grátis

COMPARTILHE ESTE LINK

Facebook Twitter Google+ LinkedIn Email



Fachada do Habib's na Vila Nova Cachoeirinha, em São Paulo (SP)

Segundo Trofi, FMs teriam dito que ela era “noia” e que não serviria para depor. “Se os FMs tivessem dado crédito à testemunha (no momento do atendimento), os autores desse crime bárbaro poderiam estar presos (em flagrante)”, afirmou Castro. Trofi prestou depoimento no 28º DP (Freguesia do Ó) na quarta-feira, três dias depois da morte do garoto.

Outra crítica do advogado é sobre a demora no início das investigações. Para ele, é um “absurdo” o caso ter demorado três dias para ter um inquérito aberto. “Os fatos ocorreram às 19h do dia 26. O registro ocorreu apenas às 4h da manhã do dia 27. E as investigações começaram só três dias depois. Apurações de mortes não podem aguardar o final de feriados”, relatem, em referência ao Carnaval.

O resultado do laudo que comprovará a causa da morte de João Victor ainda não foi divulgado pelo IML (Instituto Médico Legal). Na declaração de óbito consta que ele morreu depois de uma parada cardiorrespiratória.

De acordo com Alves, mesmo que o laudo comprove que João morreu por causas naturais, a linha de investigação pode levar em conta se a perseguição dos funcionários contribuiu para um infarto, “acelerando uma morte natural”. Para o advogado, se isso se confirmar, os funcionários envolvidos na ação podem ser indiciados por homicídio qualificado por motivo fútil e impossibilidade de defesa da vítima.

AFASTAMENTO

Depois da divulgação do vídeo com imagens do momento em que o adolescente é perseguido por dois homens uniformizados e jogado contra o chão, o Habib's anunciou o afastamento de funcionários. O conteúdo foi exibido em reportagem de Band na noite de quinta-feira.

“Diante das imagens divulgadas pela imprensa hoje, comunico que decidi afastar os colaboradores envolvidos até que tudo seja elucidado”, informou o Habib's, por meio de nota, sem dizer quantos empregados foram afastados nem divulgar seus nomes. ★ ★ ★

Compartilhe

temas relacionados

violência

Livraria da Folha

Livraria da Folha

8 ANOS

descontos de até 80%

+ livraria

- Intelectuais analisam crise e futuro da esquerda em livro
- Jornalista expõe em livro divergências entre Keynes e Hayek sobre economia
- Livros trazem exercícios para estimular a memória

Livraria da Folha

A HISTÓRIA DA CIÊNCIA Para Quem Tem PRESSÃO

MARCELO NASS ABDO, NICOLA CHABOU

De: R\$ 34,90
Por: R\$ 30,90

Comprar

Eu Não Sou Seu Negro (DVD)

WILSON

Por: R\$ 39,90

Comprar

Entre a Glória e a Vergonha

WILSON

De: R\$ 100,00
Por: R\$ 109,90

Comprar

Entre a Glória e a Vergonha

WILSON

De: R\$ 54,90
Por: R\$ 58,90

Aproveite!

7 Dias Grátis

COMPARTILHE ESTE LINK

Facebook Twitter Google+ LinkedIn Email

ANEXO C – REPORTAGEM III

Laudo aponta que menino morto no Habib's teve infarto após usar droga

DE SÃO PAULO

07/03/2017 @ 16h25

Compartilhe em: Facebook, Twitter, LinkedIn, Email, Print, 1.5 mil, Ouvir o texto, Mais opções

O laudo do Instituto de Criminalística aponta que o menino João Victor Souza de Carvalho, 13, morreu após uma confusão em uma lanchonete Habib's, morreu devido a um infarto após consumo de drogas, segundo informações do SPTV, da TV Globo.

De acordo com o jornal, foram encontrados no sangue do garoto traços de tricheteleno e clorofórmio, substâncias encontradas no lança-perfumes e que podem provocar arritmia cardíaca, e de cocaína. Ele também tinha escoriações, mas nenhum tipo de fratura, edema ou trauma que possam ligar sua morte a agressões.

Familiares de João Victor dizem que o ele foi agredido com um soco por dois seguranças da lanchonete e, em seguida, teve parada cardíaca. Funcionários do Habib's, porém, contaram outra versão à polícia: disseram que o adolescente estava alterado, foi apenas repreendido e teve um mal súbito logo depois.

O boletim de ocorrência, registrado no 13º DP (Casa Verde), na zona norte, afirmava que o adolescente pedia comida na lanchonete e que, em determinado momento, apresentou "comportamento alterado". Testemunhas disseram que ele ameaçava bater com madeira em carros de clientes, foi repreendido por funcionários e desmaiou.

Socorrido, João Victor morreu antes de chegar ao hospital. O laudo do serviço funerário exibido pela família apontava a causa da morte como "infarto do miocárdio".

O caso foi registrado pela Polícia Civil como "morte suspeita". O boletim de ocorrência diz que não havia marcas de violência no corpo. Familiares negam: dizem que o adolescente levou pelo menos um soco no rosto.



Reprodução

folha.com.br
R\$ 449,00

leia também

Vídeo reforça relato de agressão a garoto morto no Habib's, diz advogado

Adolescente morre após confusão em Habib's na zona norte de São Paulo



CLUBE DO CRIME
Criança em São Paulo, facção criminosa PCC tenta dominar os presídios do país todo

PROMESSAS DE DORIA

Folha usa ferramenta on-line para acompanhar 118 promessas feitas por Doria em campanha



Folha vai à Soresta Zika em Upaná para descobrir as origens do vírus da zika

EstúdioFolha projeto patrocinado

Porto Alegre para Rio de Janeiro

Por tempo limitado

a partir de R\$ 64 sem juros de

R\$64

Por Pessoa

Comprar >

Box Sp. Pepper's - Edição Deluxe

Edição especial comemora aniversário do principal álbum dos Beatles

De R\$ 189,90 Por R\$ 179,90

ANEXO D – REPORTAGEM IV

cotidiano dia mundial da água | massacre em presídios | carnaval | aedes | tragédia rio doce | rio | sp, 463

Morto em frente a Habib's, garoto empinava pipa e usava lança-perfume

O Menino do Habib's



1 de 4 < >

Juliana Graonani
Marlene Bergami
de São Paulo

08/03/2017 © G2000

Quando perdeu o dente em uma briga no ano passado, João Victor chorou durante uma hora. Depois, voltou à praça onde tinha acontecido a briga e abraçou o moleque que havia quebrado seu dente.

Baixinho, magro e dentuço, João Victor Souza de Carvalho, 13, era conhecido no bairro, a Brasilândia (zona norte), como Dentinho. Filho de pai catador de lixo e de mãe que lava ônibus, passava os dias empinando pipa, andando de skate ou de bicicleta que pegava emprestados e pedindo dinheiro no semáforo. Desde o ano passado, não frequentava a escola. Às vezes ajudava o pai a catar sucata e, segundo amigos, usava lança-perfume.

João Victor morreu no domingo (26) após uma **confusão na lanchonete Habib's** da Vila Nova Cachoeirinha. Imagens mostram duas pessoas, que a polícia suspeita serem o supervisor Guilherme Francisco do Santos, 20, e o gerente do local, Alexandre José da Silva, 35, arrastando o menino pelo asfalto até jogá-lo na rua desacordado.

Dois testemunhas afirmam que viram João Victor ser espancado. Uma delas denunciou ter sido ameaçada depois de ter prestado depoimento relatando o espancamento. Ele estaria pedindo dinheiro e esfirra a clientes.

Laudô do Instituto Médico Legal aponta que houve **morte súbita**, de origem cardíaca, relacionada ao uso de entorpecentes. Havia traços de cocaína e de substâncias do lança-perfume em seu corpo.

'DOIS PEIXINHOS'

João Victor vivia com o pai e a irmã Talita, 17, na parte de cima de um sobrado, a 800 metros do Habib's – fechado até hoje por pressão da família e da vizinhança do local.

De manhã, gostava de assistir a desenhos, lembra Talita, grávida de nove meses. A sobrinha que nunca vai conhecer e o novo irmão ou irmã – a mãe de João Victor também está grávida, de cinco meses – eram como "dois peixinhos", dizia ela, apontando para a barriga das duas. Tinha um sonho: que os pais, separados, morassem em casas mais próximas.

Sentada na cozinha da casa da prima, sua mãe, Fernanda Cássia de Souza, 34, diz: "Já deu para perceber que somos pobres, né?". O aluguel da casa onde vive com as outras duas filhas é de R\$ 450.

Ela lembra com emoção de quando João Victor ia visitá-la na garagem onde ela lava ônibus. "A alegria dele ninguém traz mais. Tiraram os sonhos do meu filho", diz, chorando. "Se ele já tinha ido embora, por que correram atrás dele?"

folhashop R\$ 3.229,05

Praga na zona norte frequentada por João Victor: 13, morto durante de lanchonete no último dia 26

Após a morte de João Victor, a família de João Victor se apresenta à família de João Victor.

PENSANDO EM VIAJAR?

PROMESSAS DE DORIA

Folha usa ferramenta on-line para acompanhar as promessas feitas por Dória em campanha

Box Sp. Pepper's - Edição Deluxe

Quando perdeu o dente em uma briga no ano passado, João Victor chorou durante uma hora. Depois, voltou à praça onde tinha acontecido a briga e abraçou o moleque que havia quebrado seu dente.

Baixinho, magro e dentuço, João Victor Souza de Carvalho, 13, era conhecido no bairro, a Brasilândia (zona norte), como Dentinho. Filho de pai catador de lixo e de mãe que lava ônibus, passava os dias empinando pipa, andando de skate ou de bicicleta que pegava emprestados e pedindo dinheiro no semáforo. Desde o ano passado, não frequentava a escola. Às vezes ajudava o pai a catar sucata e, segundo amigos, usava lança-perfume.

João Victor morreu no domingo (26) após uma **confusão na lanchonete Habib's** da Vila Nova Cachoeirinha. Imagens mostram duas pessoas, que a polícia suspeita serem o supervisor Guilherme Francisco do Santos, 20, e o gerente do local, Alexandre José da Silva, 35, arrastando o menino pelo asfalto até jogá-lo na rua desacordado.

Dois testemunhas afirmam que viram João Victor ser espancado. Uma delas denunciou ter sido ameaçada depois de ter prestado depoimento relatando o espancamento. Ele estaria pedindo dinheiro e esfirra a clientes.

Laudô do Instituto Médico Legal aponta que houve **morte súbita**, de origem cardíaca, relacionada ao uso de entorpecentes. Havia traços de cocaína e de substâncias do lança-perfume em seu corpo.

'DOIS PEIXINHOS'

João Victor vivia com o pai e a irmã Talita, 17, na parte de cima de um sobrado, a 800 metros do Habib's – fechado até hoje por pressão da família e da vizinhança do local.

De manhã, gostava de assistir a desenhos, lembra Talita, grávida de nove meses. A sobrinha que nunca vai conhecer e o novo irmão ou irmã – a mãe de João Victor também está grávida, de cinco meses – eram como "dois peixinhos", dizia ela, apontando para a barriga das duas. Tinha um sonho: que os pais, separados, morassem em casas mais próximas.

Sentada na cozinha da casa da prima, sua mãe, Fernanda Cássia de Souza, 34, diz: "Já deu para perceber que somos pobres, né?". O aluguel da casa onde vive com as outras duas filhas é de R\$ 450.

Ela lembra com emoção de quando João Victor ia visitá-la na garagem onde ela lava ônibus. "A alegria dele ninguém traz mais. Tiraram os sonhos do meu filho", diz, chorando. "Se ele já tinha ido embora, por que correram atrás dele?"

folhashop Tudo Sobre o Mosquito

Folha vai à floresta Zika em Uganda para desvendar as origens do vírus da Zika

EstúdioFolha projeto gastronômico

Florestas protegem a água

São mais de 33 mil hectares de plantio

siga a folha

RECEBA NOSSA NEWSLETTER

folhashop

Microondas Prático 19L

à vista R\$ 357,99

VIP-MART

PRONTO PARA MORAR

Victoria

DUPLEX DE 861m²

8 VAGAS

5 SUÍTES

1 DEPOSITO

CONDOMÍNIO RESIDENCIAL

trivago Hotéis? trivago Compare e faça sua reserva

ANEXO E – REPORTAGEM IV

denunciou ter sido ameaçada depois de ter prestado depoimento relatando o espancamento. Ele estaria pedindo dinheiro e esfurta a clientes.

Laudo do Instituto Médico Legal aponta que houve morte súbita, de origem cardíaca, relacionada ao uso de entorpecentes. Havia traços de cocaína e de substâncias do lança-perfume em seu corpo.

‘DOIS PEIXINHOS’

João Victor vivia com o pai e a irmã Talita, 17, na parte de cima de um sobrado, a 800 metros do Habib's – fechado até hoje por pressão da família e da vizinhança do local.

De manhã, gostava de assistir a desenhos, lembra Talita, grávida de nove meses. A sobrinha que nunca vai conhecer e o novo irmão ou irmã – a mãe de João Victor também está grávida, de cinco meses – eram como “dois peixinhos”, dizia ele, apontando para a barriga das duas. Tinha um sonho: que os pais, separados, morassem em casas mais próximas.

Sentada na cozinha da casa da prima, sua mãe, Fernanda Cássia de Souza, 34, diz: “Já deu para perceber que somos pobres, né?”. O aluguel da casa onde vive com as outras duas filhas é de R\$ 450.

Ela lembra com emoção de quando João Victor ia visitá-la na garagem onde ela lava ônibus. “A alegria dele ninguém traz mais. Tiraram os sonhos do meu filho”, diz, chorando. “Se ele já tinha ido embora, por que correram atrás dele?”, questiona. “Arrastaram meu filho como se fosse lixo -lixo, não, porque saco de lixo a gente toma cuidado para não rasgar.”

Por causa do uso de lança-perfume, João Victor fazia tratamento em um Caps (Centro de Atenção Psicossocial) da região. Gostava de cantar funk e de usar roupas largas, conta a mãe. Com os amigos, frequentava os bailes de funk do bairro. E diz o amigo Davi Gomes, 15, era muito bom no “passinho do Romano”, coreografia em que braços e pernas se cruzam rapidamente ao som de funk. “Ele era tranquilo, era nosso parceiro”, afirma. E diz que o amigo ficava até tarde na rua.

Era frequentador assíduo do “pastão”, praça do bairro com pista de skate, campo de futebol e quadra de basquete. Ali, brincava de pega-pega ou de colocar garrafas entre os pneus da bicicleta, causando um ruído setecente ao de motos.

Na tarde desta terça (7), adolescentes lembravam de quando ele ficava ali. “Troca ideias, me disse que queria ser astronauta quando cresceres”, lembra Rafaela Gomes, 18. “Era uma criança sozinha, sem estrutura familiar.”

O rapper Rafael Eduardo, o DuRap, 32, diz que o menino, “hiperativo”, arriscava umas rimas, mas mais ligadas ao funk – chegou a gravar vídeos no celular de vez em quando. Há fotos e vídeos de sua mãe, da mãe da sobrinha...

O rapper Rafael Eduardo, o DuRap, 32, diz que o menino, “hiperativo”, arriscava umas rimas, mas mais ligadas ao funk – chegou a gravar vídeos no celular da mãe, onde há fotos suas na piscina da casa da tia, celebrando o aniversário, usando um gorro de pelúcia da irmã. “A gente estava tentando fazer o moleque tomar um rumo. Foi mais uma vida tirada nesse palco de guerra que é a Brasilândia”, lamenta.

O advogado da família, Francisco Carlos da Silva, diz que vai questionar o laudo. “A questão é: mesmo com substâncias em seu organismo, o menino teria morrido se os agentes não tivessem o agredido?”. Para o patologista Paulo Saldiva, as drogas consumidas são estressantes e podem deixar o coração vulnerável. Diante de outra situação de estresse, podem levar à morte súbita.

O Habib's divulgou comunicado reproduzindo o laudo e ressaltando que o adolescente foi “reatado com vida” e sem sinais de agressão. “A empresa esclarece que os funcionários envolvidos continuarão afastados e que, após apurações finais, tomará medidas cabíveis e emitirá um novo comunicado.”

A família fará uma homenagem a João Victor às 10h desta quinta (9) no largo da Matriz, na Freguesia do Ó, e um protesto no dia 16 de março na catedral da Sé. ★ ★ ★

COMPARTILHAR

temas relacionados

drogas

siga a folha

RECEBA NOSSA NEWSLETTER

Digite seu e-mail: [] enviar

f t g+ in p

i s y

trivago

Hotéis? trivago

Compare e faça sua reserva

Pesquisar

envie sua notícia

Fotos Vídeos Relatos

EM COTIDIANO

LIDA | COMENTÁRIOS | ENVIADA | ÚLTIMA

1. Inverno quente a largada e serviços temporários pelo país, são previstos
2. Passagiro firma pedido forçado em rio da Amazônia, proibido ir em resgate
3. PM mantém 4.000 metralhadoras para uso dentro de cidade, há 3 anos em SP
4. Criança pratica andar pela cidade para se exercitar, afirma mãe

Livraria da Folha

Livraria da Folha

60% desconto em até 30 dias

+ livraria

- Intelectuais analisam crise e futuro da esquerda em livro
- Jornalista expõe em livro divergências entre Keynes e Hayek sobre economia
- Livros trazem exercícios para estimular a memória

Livraria da Folha

A História da Ciência para Quem Tem Pressa

Marcelo Mar Avelar, Niccolò Chiarini

De: R\$ 34,90

Por: R\$ 30,90

Comprar

Eu Não Sou Seu Negro

WINDSOR

P&G

à vista

R\$ 357,99

Via Mart

PRONTO PARA MORAR

VICTÓRIA

DUPLEX DE 861m²

8 VAGAS

5 SUITES

1 DEPOSITO

COM AR-CLIMA E CALHA D'ÁGUA

LAZER ALTO PADRÃO

QUANTAS VANTAGENS EM UM ÚNICO PROJETO: PISCINA, PISCINA COBERTA, SALÃO, MANGUEIRA DE JARDIM

NA MELHOR LOCALIZAÇÃO DO IBIRAPUERA - R. CURITIBA

Realização:

ZABO

AGENDAR UMA VISITA COM Nossos CONSULTORES

folhashop

Compare preços

Tablet Multilaser

8" e 10"

De R\$ 429,00

Tablet Multilaser

8" e 10"

De R\$ 429,00

Via-Mart

Tablet Multilaser

8" e 10"

De R\$ 429,00

Via-Mart

Aproveler

CMA Series 4

7 Dias Grátis

Livraria da Folha

A História da Ciência para Quem Tem Pressa

Marcelo Mar Avelar, Niccolò Chiarini

De: R\$ 34,90

Por: R\$ 30,90

Comprar

Eu Não Sou Seu Negro

ANEXO F – REPORTAGEM V

cotidiano
dia mundial da água | massacre em presídios | carnaval | andes | tragédia rio doce | rio | sp | 483

Bairro do menino do Habib's sofre com falta de segurança, lazer e saúde

JULIANA GRAONANI DE SÃO PAULO

17/03/2017 0 02h00

Compartilhar | 579

Seis jovens assassinados em 2007 dão nome à praça onde os que sobreviveram se divertem na Brasilândia. Ali, no coração do distrito da zona norte de São Paulo, um samba reverbera dentro de uma pista de skate. "Resistência cultural, feito da quebrada para a quebrada", canta a banda na noite de domingo (12).

Sentado na beira da pista de skate, Jonathan Lima, 19, se mostra resignado. "Somos esquecidos aqui. Carentes do Estado, mas o Estado não tá nem aí." Ele é um dos 265 mil habitantes do distrito da periferia de 21 km² (o dobro do Morumbi, na zona oeste, ou três vezes o tamanho da Mooca, na leste), onde vive "desde sempre" com o pai vigilante e a mãe caixa de mercado.

ESCOLHA A MAIOR A MAIOR CONSTRUTORA DA AMÉRICA LATINA

APÓS DE 2 QUARTOS NAS MELHORES LOCALIZAÇÕES

Brasilândia - distrito da zona norte sofre com falta de infraestrutura

1 de 6

Matheus Bergamo/PulsoFoto

ESCOLHA A MAIOR A MAIOR CONSTRUTORA DA AMÉRICA LATINA

APÓS DE 2 QUARTOS NAS MELHORES LOCALIZAÇÕES

BRASILÂNDIA
Distrito da zona norte sofre com falta de infraestrutura

Nos anos 1990, as áreas de favela e de loteamentos irregulares – hoje metade da Brasilândia – se consolidaram, e a população começou a ir para a periferia da própria Brasilândia, segundo Cecília Angeli, autora de um doutorado sobre a cultura e a paisagem do distrito. "É uma expulsão contínua", diz.

MOSQUITO E SECA

Repleto de córregos e rochas, o local liderou o ranking da epidemia de dengue em 2015, com 9.724 casos – o triplo do segundo colocado, Itaquera (zona leste). Naquele ano, seus moradores também conviveram com um duro racionamento de água imposto pelo governo do Estado durante a crise hídrica.

PROMESSAS DE DORIA

Folha usa ferramenta on-line para acompanhar as promessas feitas por Doria em campanha

TUDO SOBRE O MOSQUITO

BRASILÂNDIA
Distrito da zona norte sofre com falta de infraestrutura

Taxa de vítimas de homicídio doloso por 100 mil habitantes

18,11*

> O dobro do índice do Estado

*Entre fevereiro de 2016 e janeiro de 2017, considerando a população em torno da delegacia, de 110.433, estimada pelo Núcleo de Estudos de Violência da USP em 2013

RAIO-X

ESCOLHA A MAIOR A MAIOR CONSTRUTORA DA AMÉRICA LATINA

APÓS DE 2 QUARTOS NAS MELHORES LOCALIZAÇÕES

Florestas protegem a água

São mais de 33 mil hectares de plantio

sigua a folha

RECEBA NOSSA NEWSLETTER

Digite seu e-mail: enviar

f t g+ in p

ig s

envie sua notícia

Fotos Vídeos Relatos

EM COTIDIANO

1 - Líderes... Comemorada... Enviada... Última...

2 - Passagem firme... Paisagem firme... Brasilândia que trabalhava em cruzeiro...

CHEGOU A HORA DE CONQUISTAR O SEU APÊ

ESCOLHA A MAIOR A MAIOR CONSTRUTORA DA AMÉRICA LATINA

APÓS DE 2 QUARTOS NAS MELHORES LOCALIZAÇÕES

PRONTO PARA MORAR

VILA NOVA CONCEIÇÃO

MAIS DE 10 ITENS DE LAZER.

2 DORMS.

1 SUITE

FINANCIAMENTO EM ATÉ 10 ANOS.

USCIE E AGIENDE UMA VISITA COM NOSSO CONSULTOR

Solati ZABO

COMPARTILHE ESTE LINK

Compartilhar | 579

ESCOLHA A MAIOR A MAIOR CONSTRUTORA DA AMÉRICA LATINA

APÓS DE 2 QUARTOS NAS MELHORES LOCALIZAÇÕES

ANEXO G – REPORTAGEM V

um duro racionamento de água imposto pelo governo do Estado durante a crise hídrica.

Agora, se habitam a outros problemas: paradisadas, obras de uma futura linha de metrô deixaram um "cemitério" cercado de tapumes, por onde moradores temem passar por causa de assaltos. Perto dali, outra obra inacabada: a do Hospital Municipal de Vila Brasiliândia.

Na porta de sua casa, que fica ao lado desse "cemitério", a autônoma Cleonice Bernardo, 51, reclama que "está tudo abandonado". De manhã cedo ou à noite, sentimos medo ao passar pelas obras.

Sem contar a violência, que marcou a história da Brasiliândia. A chacina de 2007 – que deixou um sobrevivente, paraplegico –, seguiu-se no ano seguinte o assassinato de um coronel da Polícia Militar que aguarda a ação de policiais da região em grupos de extermínio. Policiais do 18º Batalhão foram investigados por sua morte, mas foram absolvidos. Eram conhecidos como "Matafores do 18".

A taxa de homicídios local é quase duas vezes a média do Estado. De fevereiro de 2016 a janeiro de 2017, a taxa de vítimas na região da delegacia da Vila Brasiliândia foi de 18,41 por 100 mil habitantes, considerando a população estimada pelo Núcleo de Estudos de Violência da USP em 2013 (último dado disponível).

Sobram para essa população de 265 mil habitantes quatro equipamentos públicos de cultura. Há dois CEUs (Paulistano e Paz), uma Casa de Cultura (municipal) e uma Fábrica de Cultura (estadual). O primeiro cinema em muito tempo, da SFCine, foi inaugurado no ano passado.

"Aqui estamos cercados de 40 biqueiras [ponto de venda de droga], mas quantos equipamentos de cultura tem?", questiona o educador Fábio Lodi, 27, um dos organizadores do "Samba do Bôni" – o evento dentro da pista de skate que acontece na praça Sete Jovens, onde há também um sarau mensal.



Fonte: Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, NEV/USP, IBGE/Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Arquiteca Cecilia Maria Angieli, autora de "Chão" (2012), um estudo sobre a Brasiliândia

2	Braçadeira que trabalhava em cruzeiro desapareceu de navio no canal da Itaipá
3	Tortura em centros de país para jovens infratores choca órgãos internacionais
4	Com 407 mil ipês à venda, governo amplia investigação sobre compra de ipês
5	Empresas italianas fazem parceria com prefeitura e revitalizam praças em SP

Livraria da Folha
10 ANOS
80% de crescimento

- + livreria**
- Intelectuais analisam crise e futuro da esquerda em livro
 - Jornalista expõe em livro divergências entre Keynes e Hayek sobre economia
 - Livros trazem exercícios para estimular a memória

Livraria da Folha

A História da Ciência Para Quem Tem Pressa
Meredith Azevedo, Nicóla Chizzari
De: R\$ 34,90
Por: R\$ 30,90 **Comprar**

Eu Não Sou Seu Negro (D+D)
Vivian
De: R\$ 39,90
Por: R\$ 39,90 **Comprar**

folhashop

Compra praça

L.G. K4 Novo X230
R\$ 483,12
Carlinha.com.br

Zabó

7zine Grátis

COMPARTILHE ESTE LINK

f Compartilhar <379

"Aqui estamos cercados de 40 biqueiras [ponto de venda de droga], mas quantos equipamentos de cultura tem?", questiona o educador Fábio Lodi, 27, um dos organizadores do "Samba do Bôni" – o evento dentro da pista de skate que acontece na praça Sete Jovens, onde há também um sarau mensal.

Ao redor do som, crianças brincam de pega-pega, jovens se equilibram em uma corda de slackline e bebem cerveja – compradas de um bar que as vende com as portas fechadas, por meio de uma janela.

Outras opções de diversão ali são os fluxos – os bailes funk na rua – e os "danceshall", de reggae. Quando podem pagar ônibus, porém, muitos saem do distrito e frequentam bares no largo da Matriz, na Freguesia do Ó.

Integrante de um coletivo de teatro, Thiago Silva, 25, caminha na rua sem asfalto que leva sua casa a uma praça onde ensaia. Sem estrutura, o local teve os brinquedos destruídos em uma enchente em 2011. Mas ele ressalta: os moradores enfrentam o descaço com as próprias mãos.

Exemplo desse empreendedorismo é a criação há um mês da empresa de motoristas Ubra, alternativa à Uber, que não opera na Brasiliândia. Espaços de lazer, como o campinho na praça onde moradores disputam um torneio de futebol, também são mantidos pela população – no caso, coordenado por Tião, o Sebastião da Silva, 61. "Precisamos de reformas, mas a Brasiliândia não dá tbope", diz.

"Quando aprendermos que a Brasiliândia tem valor, vamos poder interferir melhor no território – mas construindo junto, não levando para lá a arquitetura da cidade formal. A Brasiliândia é um espaço de força e resistência", diz a professora Angieli. ★ ★ ★

f Compartilhar <379 **OUVER O TEXTO** Mais opções

recomendado

Seminha assume namoro com ex-morador de rua e diz que 'foi difícil'

ATAQUE E DEFESA - Embratel | Estúdio Folha

Esqueça a Poupança. Descubra a aplicação que rende muito mais

Professor revela como estudar e memorizar quase tudo. Teste C...

EU NÃO SOU SEU NEGRO
Por: R\$ 39,90 **Comprar**

Nôbra
Cátia de Campos Junior
De: R\$ 130,00
Por: R\$ 109,90 **Comprar**

Entre a glória e a vergonha
Mário Rios
De: R\$ 54,90
Por: R\$ 49,90 **Comprar**

Attitude
Lanucci Ferreira
De: R\$ 36,90
Por: R\$ 33,90 **Comprar**

COMPARTILHE ESTE LINK

f Compartilhar <379